

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA – IPOL

Henrique Mendonça Torres Sottovia

**POLÍTICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: IDEAIS
POLÍTICOS PRESENTES NO GÊNERO LITERÁRIO**

Brasília, 2016

Henrique Mendonça Torres Sottovia

**POLÍTICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: IDEIAS
POLÍTICOS PRESENTES NO GÊNERO LITERÁRIO**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência
Política para a conclusão do curso de graduação
em Ciência Política pela Universidade de Brasília

Orientadora: Suely Mara Vaz G. de Araújo

Brasília, 2016

Henrique Mendonça Torres Sottovia

POLÍTICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: IDEAIS POLÍTICOS PRESENTES NO GÊNERO LITERÁRIO

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência
Política como pré-requisito para a conclusão do
curso de Ciência Política e avaliada pela seguinte
banca examinadora:

PROFESSORA SUELY MARA VAZ GUIMARÃES DE ARAÚJO

(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

PROFESSOR RAFAEL SILVEIRA E SILVA

(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Brasília, 2016

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é dedicado a minha querida orientadora, Suely Guimarães, que me proporcionou sábios e valiosos conselhos, instruindo-me com excelência, paciência e sempre me instigando a dar meu máximo para alcançar o melhor resultado. Agradeço também a minha família, especialmente à minha mãe, Fabiana Mendonça, e ao meu pai, Antônio Henrique, que nunca deixaram que faltassem condições para o meu trajeto acadêmico e profissional.

Aproveito para agradecer meus vários amigos do ensino médio e da graduação que sempre estiveram ao meu lado, me apoiaram incessantemente nesta jornada profissional, nos momentos pessoais difíceis e nos momentos felizes: Sérgio Coêlho, Marcos Fleury, Vinicius Maluly, Érika Saraiva, Sarah Almeida, Anna Salles, Tamy Yoshioka, Bárbara Beatriz, Leandro Trevisan, Nauê Bernardo, Luisa Melo, Amanda Lima, Camila Andrade, Nathalia Lenzi, Fernanda Freitas, Laeticia Monteiro, Isabella Mirindiba, Cristina Cavaletti, Samara Cabral, Natalia Rincon, Matheus Ervilha, Leonardo Dantas, Pedro Capozzi, Chiara Battaglia.

Não posso deixar de reconhecer as contribuições de várias pessoas que passaram pela minha carreira profissional e extracurricular, que contribuíram com valiosas experiências para a minha formação pessoal. Agradeço ao Diogo Machado, Silvana e colegas do DRCI – MJ, por terem a paciência e empolgação de sempre manter um ótimo ambiente de trabalho e me orientar no meu primeiro estágio. Agradeço também à Gabriela Fontenele, Ananda Osório, Richa Bhala e demais colegas da Embaixada dos Estados Unidos, por sempre motivarem a equipe para dar o melhor e incentivar a excelência profissional. Estendo meus agradecimentos aos meus vários colegas e mentores de projetos de simulações das Nações Unidas em São Paulo (Beatriz Forlenza, Natalie Ghinsberg, William Fujiwara, Priscila Petrosino, Alessandro Basbaum e demais colegas), Brasília e fora do Brasil, pelas inenarráveis histórias pelas quais passamos juntos.

Finalmente, é extremamente necessário agradecer aos meus professores e orientadores do Colégio Sigma e da Universidade de Brasília que buscam ensinar não só a matéria que ministram, mas também contribuem para a formação de caráter de vários alunos, inspirando dedicação, paixão profissional, amor ao próximo e coragem para enfrentar os desafios que a vida nos proporciona: Paulo Macedo, Henrick Oprea, Claudio Ramos, Marli Pinheiro, Andre Fratezzi, Maria Helena, Natália Rocha, Fernando Bezerra, Fernando Ventura, Eli Guimarães, Jota, Rafael Silveira, Ricardo Caldas e Fábio Sousa.

Resumo

O presente trabalho busca trazer à tona uma discussão pouco usual nas obras acadêmicas que discutem as Histórias em Quadrinhos (HQs), quase sempre focadas no aspecto artístico ou de comunicação. Intitulada “Política e Histórias em Quadrinhos: Ideais Políticos no Gênero Literário”, a presente monografia busca analisar aspectos políticos, muitas vezes obscuros até para um leitor crítico dos Quadrinhos, que são comumente trabalhados na Ciência Política. Ressalta-se que o estudo aqui elaborado assume as personagens das histórias em quadrinhos como unidade de análise, valendo-se de uma parcela selecionada de suas variadas edições e histórias. A bibliografia utilizada como marco teórico para analisar os elementos das personagens em suas histórias é baseada na literatura moderna e contemporânea da Ciência Política, tendo esse referencial o fim de estudar qualitativamente as variáveis políticas “Corrupção”, “Natureza Humana”, “Percepção sobre o Estado” e “Representação político-social” nas HQs.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos; Quadrinhos; HQs; gibis; super-heróis; corrupção; percepção sobre o Estado; representação político-social; natureza humana.

Sumário

Resumo	4
1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1. Comentários gerais	16
2.2. Variáveis políticas consideradas na pesquisa	17
2.2.1. Corrupção	18
2.2.2. Natureza humana e suas repercussões nas relações sociais	20
2.2.3. Representação político-social	23
2.2.4. Percepção sobre o Estado	27
2.3. Amostra	33
2.4. Replicabilidade e limitações	38
3. HQS DA <i>MARVEL COMICS</i>	40
3.1. O Homem de Ferro	40
3.1.1. Corrupção	41
3.1.2. Natureza humana	42
3.1.3. Representação político-social	45
3.1.4. Percepção sobre o Estado	46
3.2. Capitão América	47
3.2.1. Corrupção	48
3.2.2. Natureza humana	49
3.2.3. Representação político-social	50
3.2.4. Percepção sobre o Estado	52
3.3. Jessica Jones	52
3.3.1. Corrupção	53
3.3.2. Natureza humana	54
3.3.3. Representação político-social	55
3.3.4. Percepção sobre o Estado	57
3.4. Demolidor	58
3.4.1. Corrupção	59
3.4.2. Natureza humana	60
3.4.3. Representação político-social	62
3.4.4. Percepção sobre o Estado	63
4. HQS DA <i>DC COMICS</i>	65

4.1. Batman: o Cavaleiro das Trevas	65
4.1.1. Corrupção	67
4.1.2. Natureza humana.....	70
4.1.3. Representação político-social.....	73
4.1.4. Percepção sobre o Estado	75
4.2. Superman	76
4.2.1. Corrupção	77
4.2.2. Natureza humana.....	78
4.2.3. Representação político-social.....	78
4.2.4. Percepção sobre o Estado	79
4.3. O Flash	79
4.3.1. Corrupção	80
4.3.2. Natureza Humana.....	80
4.3.3. Representação Político-Social.....	80
4.3.4. Percepção sobre o Estado	81
4.4. V de Vingança	81
4.4.1. Corrupção	82
4.4.2. Natureza humana.....	83
4.4.3. Representação político-social.....	85
4.4.4. Percepção sobre o Estado	87
5. CONCLUSÕES	90
5.1. Corrupção	90
5.2. Natureza humana	91
5.3. Representação político-social	92
5.4. Percepção sobre o Estado	95
5.5. Considerações finais	97
BIBLIOGRAFIA	100
REFERÊNCIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS UTILIZADAS	101

1. INTRODUÇÃO

Histórias em Quadrinhos (HQs), ou arte sequencial (nome técnico) é um produto extremamente comum no mercado midiático contemporâneo. Tal formato está incluso em jornais, revistas, livros comuns e didáticos. De super-heróis a personagens do cotidiano, as histórias em quadrinhos apresentam vasta gama de personagens, temas e histórias.

As HQs possuem diversas denominações nos diferentes países: *comics* em inglês, *bandes-dessinées* ou BDs em francês, *fumetti* em italiano, *historietas* para os hispano-americanos, entre outros (MELO, 2013). No Brasil, as HQs são também chamadas de gibis, denominação essa que se deu por conta do sucesso da primeira revista em formato de HQ no Brasil, chamada de *Gibi*, que significa “menino preto, negrinho”, referente ao personagem principal nas capas do HQ (MELO, 2013).

Para os especialistas da área do jornalismo e comunicação, essa forma diferente de arte e veículo de comunicação tem elementos muito singulares, uma vez que “exige uma participação intensa e constante de seu leitor, tornando-o ao mesmo tempo receptor e construtor da mensagem” (VERGUEIRO *et al.*, 2013).

Durante boa parte do século XX, as HQs sofreram boicotes e preconceitos ao redor do mundo, muitas medidas buscavam erradicar a proliferação dessa forma atual de arte (MELO, 2013). No Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960, ocorreu forte campanha contrária ao gênero, fazendo com que editores e leitores das HQs sofressem preconceito por parte da sociedade, sendo acusados de provocar preguiça mental, estimular prostituição, crime e desnacionalização das crianças (GONÇALO, 2003 *apud* MELO, 2013).

Esse período foi, certamente, conturbado para o Brasil, uma vez que o país passava por uma ditadura militar. Porém, além da insistência dos leitores desse gênero, também houve ação por parte de outros atores para promover as HQs. Arnon de Mello, filiado à União Democrática Nacional (UDN, mesmo partido de Gilberto Freyre à época), usou quadrinhos durante sua campanha eleitoral, contando sua vida e transformando-o em herói, assim conquistando o cargo de governador de seu Estado (MELO, 2013).

Continuando a luta para legitimar as histórias em quadrinhos, em 2002, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) criou a Gibiteca, espaço físico dedicado às HQs localizado na Biblioteca do Centro Cultural do Serviço Social da Indústria (Sesi) na Avenida Paulista, São Paulo. A criação da Gibiteca coincide com o centenário da estreia da revista *O Tico Tico*, que é a primeira revista de quadrinhos do Brasil (MELO, 2013). Felizmente, a “arte

sequencial”, nome técnico da HQ, já é conhecida legitimamente como arte, o que ajudou a acabar com a cultura “antiquadrinhos”, conseqüentemente fortalecendo as pesquisas acadêmicas nessa área (VERGUEIRO, 2013). Além disso, em tempos mais recentes, os quadrinhos em sua versão japonesa, o “Mangá”, têm sido usados para apresentar famosas obras políticas, econômicas, psicológicas, jurídicas, literárias e filosóficas dos demais autores e acadêmicos renomados. Pode-se citar a editora L&PM, que publicou em formato de Mangá as seguintes obras: A Arte da Guerra, Sun Tzu; Em Busca do Tempo Perdido, Marcel Proust; Os Irmãos Karamázov, Fiódor Dostoiévski; A Interpretação dos Sonhos, Sigmund Freud; O Contrato Social, Jean Jacques Rousseau; A Metamorfose, Franz Kafka; O Manifesto do Partido Comunista, Karl Marx e Friedrich Engels; O Grande Gatsby, F. Scott Fitzgerald; Assim Falou Zaratrusta, Friedrich Nietzsche; e Hamlet, William Shakespeare. Além dessas obras, a editora Companhia das Letras publicou, em 2014, uma versão do livro “As Barbas do Imperador”, que é uma biografia de Dom Pedro II no formato de quadrinhos, a editora Europa Livro publicou “A História do Brasil em Quadrinho” no ano de 2008 e, por fim, a editora Quadrinhos na CIA publicou “Freud – Uma Biografia em Quadrinhos” em 2012.

Vergueiro (2009) mostra que essa tendência de aproximar as histórias em quadrinhos de produções literárias renomadas começou com a *Classics Illustrated*, publicada primeiramente nos EUA em 1941 e depois em nível mundial (no Brasil, com o título Edição Maravilhosa). Essa revistinha trazia obras de Charles Dickens, William Shakespeare, Daniel Defoe, Victor Hugo, Jonathan Swift, Edgar Allan Poe e outros para o formato das HQs.

Tal como o preconceito sofrido pelas HQs no Brasil e ao redor do mundo, os acadêmicos que buscavam estudar esse emergente meio de comunicação sofriam muitas dificuldades recursais e de legitimação para exercer uma pesquisa acadêmica sobre o assunto, assim como preconceito pelo interesse pela área de estudo. Tamanha era a aversão aos quadrinhos que tramitava projeto de lei no Congresso para que fossem proibidos os quadrinhos (MELO, 2013). Apesar de não se saber o número nem o fim que se deu a essa lei de proibição dos quadrinhos, em 23 de setembro de 1963, durante o governo Goulart, foi promulgado o Decreto nº 52.497¹, que estabelecia processo progressivo de nacionalização dos quadrinhos, limitando a expansão dos HQs estrangeiros (MELO, 2013). Não se sabe se a razão da promulgação de tal decreto era a aversão estrangeira de maneira geral, devido ao nacionalismo forte na época, ou a influência da ideologia comunista na época da Guerra Fria. Sua vigência foi protelada por uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) por parte dos

¹ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-52497-23-setembro-1963-392527-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 set 2015.

agenciadores de quadrinhos norte-americanos, porém, em 24 de maio de 1965, o STF confirmou o processo nacionalizador dos quadrinhos, mantendo sua vigência (VERGUEIRO, 2013).

Já no cenário internacional houve grande impacto da obra do Dr. Fredric Wertham (1954), renomado psicólogo alemão, naturalizado norte-americano, o qual é usualmente referido como líder de uma cruzada contra os quadrinhos. Em seu trabalho “Sedução dos Inocentes” (*Seduction of the Innocent*), Wertham advoga contrariamente às HQs, em sua visão, danosas às crianças e adolescentes e principal causa da violência e práticas delinquentes. O citado autor aponta que as HQs expõem conteúdo inapropriado para crianças e jovens, tais como sexo explícito, adultério, uso de drogas, severa violência etc. Em seu livro, Wertham aborda as HQs como um todo, citando os impactos negativos gerados tanto pela linguagem e conteúdo inapropriados quanto pelas ilustrações, descritas por ele como “macabras” e “um ferimento aos olhos humanos”. Além da cruzada contra os HQs e seus impactos negativos na formação de crianças e adolescentes, Wertham ressalta os gêneros de horror, super-heróis e quadrinhos tradicionais de gangues, assassinatos e investigação. As práticas retratadas nas HQs, para Wertham, influenciavam as crianças, por meio da linguagem e das imagens (e seus traços) a reproduzirem tais comportamentos. A grande fama ou suspeitas de que Batman e Robin mantiveram relações homossexuais (algo extremamente inaceitável e repudiável à época) foi primeiramente introduzida em sua obra acima referida.

Um ano após a introdução da obra de Wertham, causando grande repercussão e polêmica, o então Subcomitê para Delinquência Juvenil do Senado estadunidense percebeu a necessidade discutir a questão (KILGORE, 1954). Por diversas vezes, Wertham foi convocado para apresentar sua tese no subcomitê referido, aliado ao Senador Ester Kefauver, protagonista no combate ao crime, além de ter sido amplamente citado no parecer final da casa que discutia a questão. Wertham era entusiasta da ideia de legislação que proibisse a circulação de gibis para pessoas menores de quinze anos, bem como exibi-las publicamente. Surpreendentemente, o relatório final do subcomitê do Senado não considerava as HQs como principal causador de violência, porém, fortemente recomendou que as editoras adequassem o tom usado na linguagem e nas imagens, o que foi tomado como uma ameaça de censura pelas editoras. Com o amplo debate sobre a influência das HQs sobre a sociedade, foi formada uma autoridade para os quadrinhos, a “Associação Americana de Revistas em Quadrinhos” em 1954, uma entidade alternativa ao governo para que as editoras de HQs autorregulassem o conteúdo das histórias que publicavam. Este formato foi escolhido como alternativa a

mecanismos de censura governamentais, apesar de a autoridade ter competência para de fato censurar conteúdo inapropriado nos devidos casos. O “Código dos Quadrinhos”, como usualmente era citado, criou selo para identificar as revistas aprovadas pela autoridade, sendo estas as que estavam de acordo com seus padrões e ética. O selo, mostrado na Figura 1, persistiu até o século 21, momento no qual a maioria das editoras cessa o cumprimento ao código.

Figura 1 – Selo de aprovação da Associação Americana de Revistas em Quadrinhos



Fonte: Wikipedia.

Após esta breve exposição sobre a história das histórias em quadrinhos, o questionamento que ainda não foi aqui respondido e certamente será levantado pelos mais críticos é: Por que estudar quadrinhos? Isso é importante? Para responder essas perguntas, que são legítimas e centrais para a pesquisa aqui, é preciso clarificar alguns aspectos. O primeiro deles é que quadrinhos não são mais uma revistinha infantil com mero objetivo de entretenimento. Essa é uma afirmação simples de se fazer sem que seja citado qualquer acadêmico da área, valendo-se de senso comum. Basta ler quadrinhos como V de Vingança e Watchmen para perceber que o tom sombrio e as batalhas sangrentas dessas histórias já eliminam o aspecto infantil, assim como os temas políticos abordados, tais como anarquia e corrupção são centrais no enredo destes títulos, assim, não excluindo o entretenimento, porém abordando aspectos que são objeto de imensa discussão na academia. Há inúmeras outras obras que contêm temas sérios como Guerra Fria (*Cold War Comics*), nazismo e até mesmo a Marvel, que prioriza vendas e entretenimento, aborda temas sérios como política, *lobby*,

relação entre esfera pública e privada, liberdade e justiça em vários de seus quadrinhos, sejam em primeiro ou segundo plano.

Logicamente, existem HQs com objetivo puramente de diversão (inclusive, foram criadas com esse intuito), voltada ao público infantil ou similar, geralmente contendo nuances mais educativos, conforme defende Vergueiro (2009).

Os quadrinhos são um eficiente veículo de transmissão de informação, sendo dotados de função utilitária, aliada ou não ao entretenimento (VERGUEIRO, 2009). Seu uso no campo educacional tem crescido gradativamente, como exemplificam o *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Fact Comics*, sendo estas as primeiras publicações em formato de HQ com objetivos inteiramente educacionais. Estas revistas foram publicadas nos Estados Unidos, surpreendentemente na década de 1940, majoritariamente compostas por histórias de famosos personagens da história geral e estadunidense. Além de temas educativos, revistas em quadrinhos como a *Educational Comics*, também publicada na década de 1940, traziam temas religiosos ou ideais morais. Tais HQs foram a *Picture Stories from the Bible*, *Picture Stories from American History*, *Picture Stories from World History* e *Picture Stories from Science* (VERGUEIRO, 2009). As capas de dois destes quadrinhos, expostos na Figura 2, mostram a diversidade de temas educativos abordados na linguagem criativa e didática:

Figura 2 – Primeiras séries de HQs com fins educativos



Fonte: Wikipedia.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos eram usados como instrumento para treinamentos e educação pelo governo estadunidense, principalmente no que tange à aspectos técnicos como o “uso de equipamentos e instrução de seus soldados para atividades

especializadas” (VERGUEIRO, 2009, p. 86). O renomado quadrinista Will Eisner trabalhou nessa iniciativa, elaborando diversos manuais com o fim de treinar tropas das forças armadas e produziu resultados positivos (VERGUEIRO, 2009). Até o líder chinês Mao Tse-Tung valeu-se de HQs para divulgar e fortalecer suas iniciativas governamentais de educação, buscando moldar as apresentar o modelo de vida ideal apresentado em revistas religiosas (VERGUEIRO, 2009).

Uma vez desconstruído o paradigma estabelecido na mente de vários críticos, de que quadrinhos servem para o mero propósito de diversão e entretenimento, cabe aqui reforçar o argumento: histórias em quadrinhos são veículo de transmissão de informação. Mais que isso, se tornaram um símbolo, ou seja, uma imagem, nome ou palavra que faz referência à alguma ideia (exemplo: quando se fala do Batman, lembra-se de justiça ou medo). Conforme o exemplo brasileiro mostrado na Figura 3, a Controladoria Geral da União (CGU) usa personagens da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, para promover valores de cidadania, ética e transparência.

Figura 3 – Campanha da CGU para promover ética e cidadania



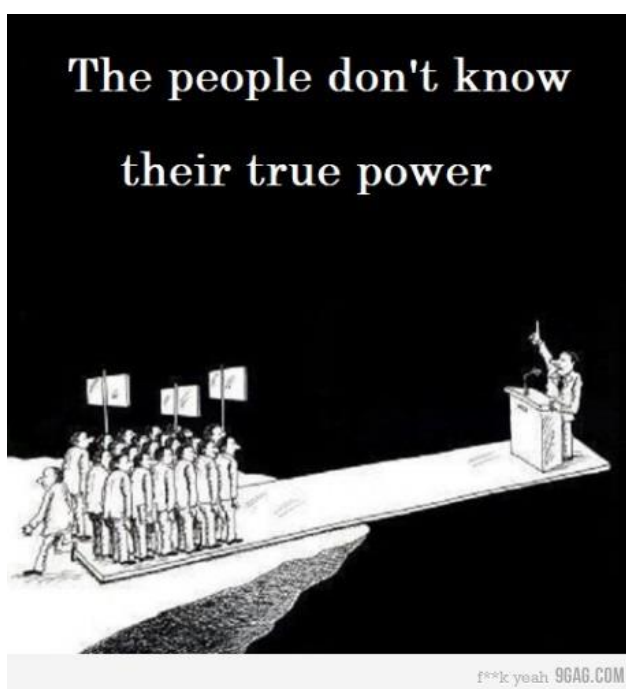
Fonte: Controladoria-Geral da União.

No Brasil, durante os protestos de 2013, a máscara do Guy Fawkes, personagem protagonista da saga V de Vingança da Vertigo², foi o símbolo mais usado durante as manifestações contra o mandato da Presidente Dilma Rousseff. Muitos usaram a máscara mesmo sem saber sua origem, o que ela representa na história “V de Vingança” e ainda sem

² Linha de histórias em quadrinhos adultas da DC Comics. Destina-se ao público adulto por ter mais liberdade ao tratar sobre aspectos chave sobre conceitos sociais; mostra violência e sexo.

saber que ela é amplamente usada pelo grupo anarquista de *hackers* denominado *anonymous*. Não se pretende aqui estudar o que cada símbolo oriundo das HQs representa ou quais são, porém, cabe ressaltar que esse veículo de informação tem grande impacto na sociedade e na difusão de ideias. O formato de quadrinhos também é muito usado em charges ou tirinhas curtas em jornais e revistas, ora com o simples propósito de humor, ora como crítica social/política, ou até com ambos, como mostra o exemplo da Figura 4.

Figura 4 – Quadrinho político



Fonte: 9gag.

Os quadrinhos, não são somente meio de comunicação, vêm sendo amplamente usados como ferramenta educativa, segundo Vergueiro (2009). Este fato torna-se deveras importante para esta análise, uma vez que vemos o papel político que a educação tem, complementando a noção elaborada por Claus Offe (1984), que defende que o Estado Capitalista, para se manter, busca deter e usar a seu favor os meios de comunicação e as instituições educativas. Uma vez que o Estado Capitalista detém tais meios, estes são usados para disseminar ideias pró-capitalistas e suprimir ou repudiar ideais anticapitalistas.

Uma vez feitas essas considerações iniciais e contextualização do espaço que se pretende explorar, cabe agora explicar quais procedimentos serão utilizados para realizar a presente pesquisa. Como já exposto, as HQs possuem diversos usos e objetivos, tais como educação, comércio, difusão de ideias políticas, econômicas, filosóficas, entre outros. Nesse

sentido, reconhecendo a presença de elementos políticos nas HQs, procura-se responder a seguinte pergunta: **Quais são os ideais políticos que podem ser encontrados nas histórias em quadrinhos de super-heróis?** Os campos que serão pesquisados envolvem grandes áreas estudadas pela Ciência Política, como representação, corrupção, estrutura estatal e natureza humana. Ressalta-se que a análise estará centrada no protagonista, sendo este a unidade de análise. O protagonista é a personagem da história que apresenta e lida com os elementos políticos que serão estudados, além de todo o enredo gira em torno dela, portanto, a análise terá o herói como foco. Porém, personagens coadjuvantes (*sidekicks*) e vilões relevantes serão abordados na análise de maneira complementar.

Cabe, por fim, detalhar que o presente projeto é composto por 4 capítulos. O primeiro será dedicado à explicação da metodologia formulada e aplicada para os fins desta pesquisa, bem como revisão de literatura, revisitando os autores que serão usados para analisar os elementos propostos. A revisão teórica e a metodologia possuem estreita relação na monografia, sendo oportuno apresentá-los de maneira conjunta. Já o segundo capítulo apresentará a análise em si, analisando os heróis da *Marvel Comics* e cada unidade de análise que será estudada. O terceiro capítulo possui a mesma estrutura do segundo, apenas tratando dos heróis da *DC Comics*. Por fim, o quarto capítulo compilará, de maneira objetiva, a análise e categorizações feitas nos dois capítulos anteriores.

2. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

A análise que será feita sobre os elementos políticos inclusos nas Histórias em Quadrinhos (HQs) de super-heróis e suas personagens protagonistas tem caráter qualitativo. Realiza-se análise de conteúdo das HQs. De início, cabe ressaltar que, como o mesmo herói ou protagonista possui diferentes histórias, escritas por diferentes escritores, é possível que haja contradições ou relações dialéticas entre essas obras, expressando divergências ou concordâncias entre esses autores.

Este capítulo é destinado a apresentar as variáveis políticas que serão estudadas nas HQs, bem como uma revisão teórica sobre cada uma delas. Também se incluem aqui seções dedicadas a discorrer sobre a amostra selecionada e limitações metodológicas.

2.1. Comentários gerais

Não se busca analisar o objetivo da publicação das histórias analisadas, uma vez que há limites metodológicos para verificar tal incógnita. O que será feito, na medida do possível, é identificar o contexto no qual uma história específica foi publicada. Além disso, não se espera que os roteiristas e escritores de HQs tenham pleno domínio do conteúdo político que produziram, porém, isso não impede a identificação de teorias e ideais políticos subjacentes a suas histórias.

Independentemente da ideologia do autor, do contexto em que publicou e do seu nível de conhecimento político, cabe deixar transparente aqui que a unidade de análise desta pesquisa são os heróis protagonistas, os vilões antagonistas e personagens coadjuvantes (*sidekicks*) em suas diversas histórias.

O produto final apresentado por esta pesquisa será baseado totalmente no que de fato foi publicado em termos de HQs com esses heróis, ou seja, as revistas que chegaram a bancas ou outros revendedores e transmitiram suas ideias ao leitor. Não se descarta ou se deixa de reconhecer que as motivações pessoais e o nível de conhecimento do roteirista podem vir a influenciar o conteúdo das HQs, porém, há limitações metodológicas para averiguar isso, além de não se enquadrar nos objetivos deste trabalho.

2.2. Variáveis políticas consideradas na pesquisa

Esta seção dedica-se a explicar os elementos (variáveis políticas) que serão analisados em relação ao conjunto de personagens e suas histórias selecionadas. Apesar de limitada, a seleção de variáveis busca compreender ideias gerais que compõem a grande variedade e o volume de ideologias e teorias políticas existentes. A leitura das HQs usadas nesta pesquisa será feita de maneira a buscar elementos que, de alguma maneira, ilustrem ou compreendam uma ou mais variáveis selecionadas. Cada variável busca englobar bibliografias relevantes no âmbito da Ciência Política, evitando que a análise seja feita apenas à luz de um autor ou de maneira limitada. Pelo contrário, divergências em relação ao mesmo personagem ou em comparação com algum outro acarretarão mais riqueza para a pesquisa.

Reconhece-se também a limitação do uso de obras, é impossível sintetizar e esquematizar todas as ideologias existentes e encaixar os elementos identificados nos quadrinhos em cada uma das variáveis políticas selecionadas. Porém, a pesquisa valer-se-á de gama diversa de referências bibliográficas, englobando, no mínimo, os principais autores para cada assunto. As variáveis políticas que serão estudadas no presente trabalho serão: **corrupção; natureza humana; representação político-social; e percepção sobre o Estado.** A escolha dessas variáveis específicas se baseou no ensejo de explorar os ideais políticos que a unidade de análise (o herói) apresenta, bem como de analisar a sociedade e o Estado no qual o protagonista está inserido. Vários dos elementos políticos contidos nas histórias que serão estudadas estão representados pela sociedade e seus membros, pelo Estado e sua atuação, além das aventuras da personagem principal. Também é necessário entender como a sociedade e/ou o herói se percebem e a maneira como enxergam o Estado, portanto, as variáveis selecionadas buscam proporcionar um panorama geral sobre a estrutura e características destes dois elementos, bem como a interação entre eles. Em seguida, as subseções melhor detalharão os elementos que caracterizam cada uma dessas variáveis e como serão analisadas no âmbito das histórias.

Destaca-se, por fim, que a análise e a categorização da HQ serão feitas com base no enredo no qual o herói, que é a unidade de análise, está inserido. A opinião do herói pode ser diferente da realidade em que está inserido e esta controvérsia será descrita conforme necessário.

2.2.1. Corrupção

A análise desse tema nas HQs buscará compreender como o setor público do universo dos personagens se relaciona com a corrupção, bem como com atores privados e até organizações criminosas. A corrupção é tema muito amplo, que necessita de ser definido. Há quem diga que a corrupção está presente como prática criminal, porém, há quem defenda que simples atos do dia a dia social, como furar a fila ou roubar algum produto de preço ínfimo, entre outros, também são considerados corrupção. Para os propósitos desta pesquisa, usar-se-á o conceito de corrupção como o uso de recursos públicos para fins privados. Segundo a Convenção da ONU contra a Corrupção (UNCAC), a corrupção é a prática que desvia recursos destinados a serviços públicos, tendo um efeito negativo sobre a sociedade, ferindo a habilidade do governo de oferecer serviços de qualidade, promovendo injustiça, desigualdade e impactando negativamente sobre o investimento no país (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2004). Logicamente, isso não exclui a interação do setor público com o privado. No Brasil, vive-se atualmente momento de séria crise política com a operação Lava Jato, que envolve diversos esquemas de corrupção entre atores públicos e privados. Portanto, vale destacar que se reconhece a importância dos atores privados nessa definição de corrupção.

Em um breve histórico sobre o combate à corrupção no cenário internacional, apenas em 1996 a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de fato discutiu a proposição de uma convenção internacional de grande abrangência para combater a corrupção. Em março desse mesmo ano, a Organização dos Estados Americanos (OEA) também adotou a Convenção Interamericana contra a Corrupção (PIETH, 2002). Intitulada Convenção sobre o Combate da Corrupção de Funcionários Públicos Estrangeiros em Transações Comerciais Internacionais, concluída em dezembro de 1997, esta foi a primeira grande convenção no escopo internacional, de iniciativa da OCDE. Os Estados Unidos já haviam tentado apresentar esta proposta no foro anteriormente, porém, a ideia foi frustrada, uma vez que a reação dos países-membros (que tinha envolvimento em tais práticas) foi mínima. Nesse sentido, os EUA promulgaram, em 1977, a *Foreign Corruption Practices Act* (FCPA), lei que criminalizava a prática de subornos para obter privilégios comerciais, também podem responsabilizar outros países ou funcionários públicos estrangeiros (PIETH, 2002).

A iniciativa dos EUA tinha como objetivo promover uma competição livre e justa, uma vez que vários países ou empresas (inclusive os EUA) mantinham relações comerciais de

pagamentos ilegais para obter benefícios em certos países como, por exemplo, contratos. Apesar da motivação econômica, criou-se onda de combate à corrupção, posteriormente sendo debatida em órgãos como a Organização das Nações Unidas, União Europeia, Câmara Internacional de Comércio, Banco Mundial, entre outros (PIETH, 2002).

Dentro deste tópico, há autores extremamente críticos, como Donatella della Porta e Alberto Vannucci, que defendem a ideia de que a corrupção se retroalimenta, criando um efeito “Bola de Neve” (PORTA; VANUCCI, 2012). Motivações diferentes para a alimentação desse efeito também são apresentadas por Stephen Kotkin e András Sajó (2002), que defendem a ideia de que um ator verá o sucesso de praticantes de corrupção como estímulo para praticar tal ato. Além disso, é interessante citar a análise do Ministério Público Federal (MPF) brasileiro na apresentação de seu recente pacote anticorrupção, que é composto de dez medidas que comporão uma lei de iniciativa popular. Uma das motivações para a criação dessa lei seria que as leis não tipificam a corrupção de maneira a combatê-la efetiva e eficientemente. Ademais, o Ministério Público afirma que a corrupção é um ato racional: o ator calcula os riscos e a possibilidade de punição, bem como os ganhos provenientes de tal prática (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2015). Atualmente, a corrupção é um crime rentável, onde o lucro é muito grande comparado a riscos de ser identificado e, caso o for, os riscos e a quantidade de punição são menores ainda (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2015).

Apesar dessa gama de críticos da corrupção, há autores como Nathaniel Leff (1964) e Samuel Huntington (1968) que creem em doses homeopáticas de corrupção como uma espécie de “graxa” para os motores do Estado, pulando a burocracia responsável pela ineficiência e má qualidade de serviços. A “Teoria da Graxa” também é apresentada e defendida como uma solução viável para problemas de burocracia e ineficiência, tomando-se a cautela de usar doses adequadas de práticas de suborno, para que não seja gerado o “Efeito Bola de Neve”.

A pesquisa também procurará elementos que apontem a corrupção (caso ela exista) como sistêmica, ou se ela já quebrou seus elos institucionais e penetrou em outras áreas, produzindo, assim, maiores efeitos sobre a sociedade.

Sistematizando a investigação desta variável política, aplicar-se-á o seguinte código de análise para estudo do universo dos personagens das HQs:

I. Em termos de áreas nas quais a corrupção está instaurada, procurar-se-á verificar se esta corrupção é:

- a. sistêmica, extrapolando as barreiras institucionais do Estado e contaminando setor privados e outros atores;
- b. endêmica, ainda retida na esfera institucional do aparelho estatal; ou
- c. não se aplica.

II. Será investigado se a corrupção é vista pelos diversos atores (sociedade, Estado e herói/personagem) como:

- a. de acordo com a Teoria da Graxa, que preconiza doses homeopáticas de corrupção funcionando como facilitadoras para a desburocratização de procedimentos do Estado;
- b. de acordo com a Teoria da Bola de Neve, que preceitua que qualquer prática de corrupção, pequena ou grande, se agregará às demais práticas similares e se converterá em uma bola de neve, tendendo a aumentar e ser cada vez mais difícil de conter; ou
- c. não se aplica.

III. Quanto aos efeitos da corrupção, será investigado se esta, no universo de cada HQ:

- a. possui efeitos negativos na sociedade;
- b. acarreta efeitos positivos sobre a sociedade civil;
- c. não produz efeitos relevantes sobre a sociedade; ou
- d. não se aplica.

2.2.2. Natureza humana e suas repercussões nas relações sociais

Nos universos dos personagens de HQs, a sociedade, o governo e criminosos geralmente são retratados de maneira que pode ser relacionada com a natureza humana proposta pelos contratualistas clássicos. A imagem de alguns heróis ou outro tipo de personagem protagonista geralmente é criada justamente por se destacar dentro de seu grupo social (geralmente homogeneamente apresentado), seja pelos seus poderes, coragem, intenção ou algum evento que o tornou capaz de se diferenciar dos demais.

O primeiro dos três grandes pensadores aqui usados é Thomas Hobbes. Este acredita que o homem é naturalmente mal, possui vontades voluntárias (como apetite, desejo e sono) e

involuntárias (como ódio, medo e afinidade), e está em constante perigo, alerta, pois deseja preservar sua vida (HOBBS, 1979 [1651]). Hobbes é o idealizador da famosa frase “o homem é o lobo do próprio homem”, pois ele está constantemente tentando exercer o seu poder sobre outrem, seja para buscar sua sobrevivência ou garantir sua segurança, seja com o objetivo de obter algum lucro (competição) ou até mesmo pela sua reputação, ganhar renome, ser temido etc. Por essa natureza violenta do homem, na ausência de um poder comum capaz de assegurar a convivência em sociedade, os homens se encontram no chamado “estado de guerra”, que é um conflito de “todos os homens contra todos os homens” (HOBBS, 1979 [1651], p. 75). Nota-se, ainda, que Hobbes é o único dos contratualistas que faz referência a este estado como de guerra. Os demais utilizam o termo estado de natureza. Visando a padronização, utilizar-se-á o termo estado de natureza para todos os autores.

Hobbes ainda descreve que o estado de natureza não diz respeito ao ato da batalha ou confronto em si, mas o compara com o tempo (em termos climáticos): um mal tempo não é um pontual chover, porém, há tendência para chover vários dias seguidos. Traduzindo em termos políticos, para o autor, o estado de natureza é a constante ou frequente predisposição à guerra, e não uma batalha ou conflito pontual. Em outras palavras, o homem tem predisposição para travar a guerra durante qualquer tempo, sem garantia de segurança a não ser sua própria astúcia. Nesse estado, há dois conceitos-chave para as teorias de Hobbes, sendo o primeiro o chamado *jus naturale* (direito de natureza), que diz respeito à liberdade que o homem possui de valer-se de todos os meios ao seu alcance para preservar sua própria vida (HOBBS, 1979 [1651]). O segundo conceito apresentado é o de *lex naturalis* (lei da natureza), sendo esta uma noção ou regra que parte da razão, proibindo o homem de tomar atitudes que possam vir a destruir ou prejudicar sua própria vida, bem como privar-se dos meios pelos quais se subsidia (HOBBS, 1979 [1651]). Dessas noções, extraem-se alguns aspectos relevantes: ao passo que a lei da natureza obriga o homem a alguma coisa, o direito de natureza concede ao homem a liberdade para agir em prol da própria vida, destacando, portanto, a diferença entre lei (obrigação) e direito (liberdade).

Portanto, o próprio estado de natureza priva o homem de viver, uma vez que este está em constante ameaça. O papel da racionalidade é fundamental nessa situação, pois, como regra geral, nessa situação, “todo homem deve esforçar-se pela paz, na medida em que tenha esperança de consegui-la, e caso não a consiga pode procurar e usar todas as ajudas e vantagens da guerra” (HOBBS, 1979 [1651], p. 76). As ideias aqui expostas culminam nas

chamadas leis da natureza. A primeira remete ao dever de buscar pela paz e segui-la, e a segunda refere-se à ideia de preservar a própria vida valendo-se de todos os meios disponíveis. Concluindo o pensamento de Hobbes, o contrato social é necessário para que os homens possam conviver com o mínimo de segurança, sem constantes ameaças à sua vida.

O segundo pensador aqui abordado é John Locke, já apresentando algumas relevantes diferenças em relação às ideias já expostas. Primeiramente, cabe destacar a forte crença religiosa de Locke de que o homem foi criado por um Deus, no qual reside a razão do homem. A partir deste pressuposto, já se vê o contraste entre Locke e Hobbes: para o primeiro, o homem não está em constante perigo, tampouco tem uma necessidade de impor seu poder aos outros para garantir sua própria sobrevivência. Para Locke, há dois estados, o de natureza e o de guerra (LOCKE, 1978 [1690]). No estado de natureza, o homem vive segundo os ditames da razão, lembrando que esta tem suas origens e emanam de um Deus. Já o estado de natureza surge a partir da própria natureza do homem que possui interesses. Quando o interesse de dois ou mais homens vão de encontro um ao outro, ocorre o conflito.

Desse cenário, decorre a crucial necessidade de um mediador de interesses (contrato social) para administrar tais conflitos e promover melhores condições para a sobrevivência comum, que estaria ameaça no caso de vários conflitos de interesse. Essa ideia é central no pensamento de Locke, pois as leis da natureza ditam que o homem deveria viver em paz e buscar a própria sobrevivência, porém, tal lei seria vazia caso não houvesse um sistema de censura àqueles que transgredem a lei da natureza (LOCKE, 1978 [1690]). Transgressores são vistos como uma ameaça, pois se colocam em uma posição superior àquelas leis da natureza que regem a convivência social, portanto, cabe a todos os homens o dever de punir esses indivíduos, pois se mostraram irracionais perante a organização/contrato social, além de transgressões representarem uma ameaça à espécie como um todo.

Concluindo esta análise, o terceiro autor que servirá para a investigação proposta é Jean-Jacques Rousseau, cujos ideais são consideravelmente díspares daqueles de seus antecessores. Primeiramente, Rousseau introduz a ideia de que o homem, em seu estado de natureza, é amoral, ou seja, não tem a percepção ou consegue conceber as ideias de “bom” ou “mal”. Contudo, o homem não procura o sofrimento de seus pares, ou seja, não há uma predisposição para a guerra. Porém, ao se desenvolver e se integrar na sociedade, esta última corrompe seus ideais. Dessa maneira, os homens mais mesquinhos fizeram uso de discursos e artifícios para persuadir os mais ingênuos, amorais, corrompendo-os para satisfazer seus

interesses privados e tirando-lhes a liberdade inata, tornando-os servos (ROUSSEAU, 2009 [1762]). Por estes motivos, Rousseau não acredita que o pacto social, da maneira como foi feito, é justo, tampouco exerce a vontade do povo. Partindo da crença em uma soberania do povo, Rousseau acredita que o contrato social deve ser feito de maneira a realizar a vontade geral, promover o bem geral (ROUSSEAU, 2009 [1762]). Portanto, o governo ou Estado formado a partir do contrato social deve ser limitado e subordinado ao povo, que exercerá sua soberania sobre o primeiro.

Após todas as ideias discorridas, em relação à natureza humana e suas repercussões nas relações sociais, será aplicado o seguinte código de análise para estudo do universo dos personagens das HQs:

- I. A natureza humana será identificada como:
 - a. hobbesiana, ou seja, lobo é o lobo do próprio homem;
 - b. rousseauniana, o homem nasce bom e é corrompido pela sociedade; ou
 - c. lockeana, ou seja, o homem não tem pré-disposição para guerra até que haja conflito de interesses.

- II. O estado de natureza e guerra, caso sejam identificáveis, serão classificados como:
 - a. rousseauniano;
 - b. lockeano; ou
 - c. hobbesiano.

2.2.3. Representação político-social

A representação político-social é unidade de análise importante, pois, a partir dela, podem-se verificar várias relações. Primeiro, a relação que o cidadão comum do universo dos personagens tem com o governo. A representatividade entre esses dois atores é aspecto central, buscando analisar se o governante ou representante busca seus interesses pessoais ou busca o bem comum. Dessa maneira, serão utilizados alguns teóricos relevantes para o debate sobre a questão da representação.

Os autores Bernard Manin, Adam Przeworski e Susan Stokes (2006) debatem amplamente sobre o melhor molde de representação e governo, bem como as situações que

um representante poderá encarar e estímulos internos ou externos à política. Acreditam que a eleição é a ponte entre democracia e representação com duas condições, sendo a primeira a possibilidade de concorrer livremente em eleições, e a segunda a possibilidade de os cidadãos gozarem de liberdades políticas, assim sendo possível que os representantes ajam em nome dos representados. No processo eleitoral, os políticos, interessados em serem eleitos, apresentam suas plataformas eleitorais, enquanto os eleitores selecionam aqueles políticos ou políticas públicas que vão mais ao encontro de seus interesses.

Os citados autores destacam dois tipos de representação: a representação por mandato (com caráter prospectivo, ou seja, análise das propostas da campanha do candidato) e a representação por prestação de contas (com caráter retrospectivo, baseada no(s) desempenho(s) anterior(es) do representante). Ambas as modalidades são complexas e problemáticas quanto ao grau em que produzem representação. Ao discorrer sobre esses dois tipos, destacam que há aspectos além do caráter do governante: estes querem se reeleger e, para tanto, devendo ater-se às promessas de campanha, ao mesmo tempo em que podem se deparar com situações onde é melhor para o seu eleitorado se desviar de suas promessas de campanha. Esse dilema é derivado da representação por mandato, conforme apontam Manin, Przeworski e Stokes (2006), pois elementos endógenos à política influenciam o contexto político dos governantes, fazendo com que estes últimos se deparem com o dilema de manter sua plataforma eleitoral ou se desviar, com a ameaça de serem punidos nas próximas eleições. Também há dificuldade gerada pelos interesses dos eleitores, que podem não ser constantes ao longo do tempo.

Nesse sentido, Luis Felipe Miguel (2005) dialoga com os autores no sentido de tomar o voto como instrumento de *accountability* vertical, ou seja, como mecanismo de controle. No que tange à *accountability*, Manin, Przeworski e Stokes (2006) não acreditam na representação por prestação de contas durante o mandato, pois os eleitores não possuem informações completas, dessa maneira, comprometendo a efetiva representação.

Outro fator relevante, aliado à falta de informação completa e destacado por Manin, Przeworski e Stokes (2006), é que os cidadãos não têm tempo, meios e informação suficientes para julgar as ações passadas de governantes e até mesmo a plataforma eleitoral de seus candidatos, portanto, a representação não é totalmente sólida. Devido aos fatores de possibilidade de reeleição, os representantes buscarão obter mais ou menos renda. Por “renda”, os autores se referem a interesses dos representantes (destaque, capital, atenção

internacional, dinheiro, crescer na carreira etc.) que são danosos aos representados. Se os representantes buscam reeleição e, para tanto, precisam satisfazer a vontade popular e manter certa reputação positiva, não procurarão muitas rendas, mantendo bom comportamento enquanto governante. No entanto, enquanto eleitos e sem possibilidade de reeleição, os governantes aproveitarão o tempo que têm de mandato para extrair alta renda, o que é danoso para a representação e para a realização dos interesses do eleitorado. Dessa maneira, reitera-se o debate sobre fatores internos ou externos que influenciam na capacidade do representante de julgar a melhor opção para atender aos interesses de seu eleitorado. Mesmo buscando o melhor para o eleitorado, ao desviar-se de sua campanha eleitoral, o representante corre o risco de sofrer sanção ao concorrer em reeleições. Dessa maneira, este dilema é central para o debate da qualidade da representação e para a reeleição.

Neste âmbito, Manin, Przeworski e Stores (2006) colaboram para o debate ao analisar o comportamento do eleitor, que, dependendo da situação, analisará os candidatos *ex ante* ou *ex post*, ou seja, com base em suas promessas de campanha ou com base em seu desempenho passado (MANIN *et al.*, 2006). Por isso pesa o comportamento do governante tanto em termos de reputação positiva (ou negativa), quanto o seu interesse em melhor atender os interesses de seus eleitores, mesmo que isso signifique desviar-se de sua plataforma, ou ater-se às suas promessas de campanha, e mesmo que isso resulte em piores produtos para os eleitores, afinal, o grau em qual o representante de fato exerce suas promessas de campanha é fator extremamente importante para a análise do eleitor.

Outro debate importante é levantado por Hannah Pitkin (1967) e é crucial para o conceito e para a prática da representação. Tal debate tem seus fundamentos nos contratualistas: de um lado, Hobbes defendendo a ideia do Leviatã, uma criatura única formada de seus membros-cidadãos e promovendo a ideia de que representante é aquele que age em nome de outro(s), uma vez que a ele foi dada essa autoridade; de outro, Rousseau, que acredita na representação como tirania, uma vez que não há mecanismos para garantir que a vontade ou interesse do representante corresponde ao interesse ou necessidades dos representados. Dessa maneira, o debate é feito em torno da questão de dar liberdade ao representante para atuar, tendo em vista que ele foi a autoridade escolhida e capaz de atuar em nome de seus representantes, *versus* a necessidade de consultar os representados para de fato atender às suas necessidades ou, ao menos, legitimar sua atuação.

Pode-se perceber também uma relação de representação entre sociedade-herói/personagem, na qual os cidadãos se inspiram e se identificam com o herói e buscam fazer o bem como ele. Por fim, há também a relação entre os personagens das HQs e o leitor, ou seja, que setor da sociedade o personagem principal busca ilustrar, criando um mimetismo.

O código de análise adotado no estudo do universo dos personagens quanto à representação político-social é o seguinte:

I. No que tange ao grau de liberdade de atuação dos representantes, este pode ser avaliado da seguinte forma:

- a. o representante tem liberdade para agir em nome dos representados, pois a ele foi conferida tal autoridade;
- b. o representante deve consultar a opinião pública para de fato atuar em prol dos interesses dos representados; ou
- c. não se aplica.

II. Quanto ao representante em seu mandato:

- a. o representante cumpre as promessas de sua plataforma, independentemente de isso produzir resultados piores para o eleitorado;
- b. o representante compromete-se com o melhor atendimento aos interesses do eleitorado, mesmo que isso lhe custe desvio à sua plataforma;
- c. o representante busca interesses privados, não se preocupando em atender a vontade de seus representados; ou
- d. não se aplica.

III. Quanto aos fatores que influenciam o comportamento dos representantes:

- a. há fatores externos ou internos que influenciam o governante a desviar-se de sua campanha em prol dos representados;
- b. há fatores externos ou internos que fazem o representante não cumprir suas promessas, tampouco atender o eleitorado de forma satisfatória; ou
- c. não se aplica.

IV. Quanto à reeleição:

- a. representantes buscam a reeleição e, portanto, se prendem às suas promessas de campanha;
- b. representantes buscam a reeleição procurando o melhor resultado para os eleitores, independentemente de sua plataforma eleitoral;
- c. representantes buscam reeleição independentemente de ter agido procurando algum resultado para os eleitores;
- d. representantes não buscam reeleição; ou
- e. não se aplica.

V. Quanto ao herói e sua identidade secreta:

- a. representa alguma classe social, racial/étnica e/ou religiosa, que é considerada como minoria na história; ou
- b. não se aplica.

VI. Quanto à sociedade e seus membros:

- a. há classes sociais, raças/etnias e/ou religiões que são minorias ou gozam de menos direitos que outras;
- b. há classes sociais, raças/etnias e/ou religiões que formam uma elite que compõe o governo, o setor privado ou os dois;
- c. ambas as opções acima; ou
- d. não se aplica.

2.2.4. Percepção sobre o Estado

Por “percepção sobre o Estado” podem-se entender várias coisas, portanto, cabe definir o que é essa variável. Os autores aqui usados serão os mesmos já utilizados para analisar a natureza humana. Os contratualistas apresentam concepções diversas sobre a origem e a conformação do Estado. Portanto, caberá aqui, a partir da natureza humana teorizada por Hobbes, Locke e Rousseau, expor as características do Estado ideal para lidar com a natureza humana segundo cada um desses autores.

Destarte, aproveitando os argumentos já discorridos, Hobbes acredita que o homem é mal por natureza e dotado de um desejo constante de competição, de instinto destrutivo de impor seu poder sobre seus semelhantes, assim caracterizando seu chamado estado de

natureza. Nesse sentido, conforme também já exposto por Pitkin (1967), Hobbes acredita na necessidade de um Estado com amplos poderes para conter esse desejo incontrolável de contendas, devendo os homens transferirem seus poderes ao soberano, que os usará de maneira a manter a ordem. Este soberano deverá agir em nome de todos os homens, pois a ele foi dada esta autoridade e o poder necessário, sendo que suas ações deverão sempre ser em prol da manutenção da ordem. Assim se forma a imagem tão famosa caracterizada por Hobbes, que é o Leviatã: um ente soberano, formado pelos poderes cedidos pelos cidadãos, para a eles servir mantendo a ordem (HOBBS, 1979 [1651]). Concluindo tal raciocínio, o Estado hobbesiano é altamente interventor e autoritário, pois carrega a árdua tarefa de dominar o instinto destrutivo do homem. O Estado deriva de um pacto de submissão.

Em forte contraponto a Hobbes, Locke defende a necessidade de um mediador de interesses que servirá para atenuar o conflito de interesses entre dois ou mais homens, também tendo este mediador a característica de se abster da parcialidade de cada um dos lados para poder julgar as contendas. Dessa maneira, o pacto social Lockeano consiste em formar um Estado no qual os cidadãos tem a liberdade de escolher livremente seu(s) governante(s), que carregarão a obrigação de lhes garantir os direitos fundamentais expressos no pacto feito (LOCKE, 1978). Locke ainda defende que o Estado deve priorizar e preservar o direito à liberdade de seus cidadãos e à propriedade privada, afinal, ele acredita na ideia de que o trabalho dignifica a terra, ou seja, aquele que a cultiva para fins dignos, deve detê-la. Nesse sentido, Locke fortemente se opõe aos modelos tirânicos de Estado e crê na deliberação por assembleias, evitando assim a decisão de um único soberano. Por conseguinte, opõe-se às formas monárquicas e absolutistas de governo, negando a ideia de que os soberanos tem o poder inato a si. O Estado Lockeano tem preceitos ligados às liberdades e direitos individuais, devendo manter-se longe de atividades e propriedades privadas, além de carregar a obrigação de assegurar direitos fundamentais estabelecidos no contrato social, tais como a vida, propriedade, bens e liberdade. (LOCKE, 1978 [1690]). O poder estatal deriva de um pacto de consentimento.

Como sua visão sobre o Estado, Rousseau (2009 [1762]) apresenta a ideia da soberania popular, sendo que todo o poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido. Há semelhança com o contrato social Lockeano, pois o povo delega sua soberania para um representante que deverá agir em seu prol. Rousseau, porém, defende a ideia de que o pacto social se origina da iniciativa dos homens de renunciarem seus interesses individuais para

garantir a realização da vontade popular, geral. As teorias de Rousseau também preconizam um início de discussão sobre a necessidade de prestação de contas, afirmando que a vontade geral deve se sobrepor à individual, portanto, a sociedade deve fiscalizar o representante para assegurar que o bem comum está sendo priorizado em detrimento de interesses particulares. Para Rousseau, a ideia de uma democracia direta seria mais condizente com suas crenças, retomando uma ideia de participação social para deliberar sobre a política que melhor traduz a vontade social. Neste sentido, Rousseau comenta que o povo soberano agora constitui um corpo soberano que é o único agente que determina o funcionamento do aparato político, inclusive podendo ditar a distribuição da propriedade que foi alienada no momento do contrato social, em forte contraponto com Locke. Rousseau (1999 [1762]) ainda cita que o povo soberano toma parte ativa e passiva no contrato social firmado: ao mesmo tempo que compõe o corpo soberano que dita as leis, o povo é a parte que cumpre tais leis. Dessa maneira, o corpo administrativo ou político torna-se a representação da vontade social e instrumento para exercê-la. O Estado é gerado a partir de um pacto de associação.

Conforme já exposto neste trabalho, Offe (1984) explica que o Estado capitalista (que é o modelo seguido pela maioria, senão todas as formas de governo presentes nas HQs a serem aqui analisadas) procura deter e se valer dos meios de comunicação para a promoção de ideais pró-capitalistas e a supressão de ideias e bandeiras contrárias. Esses mecanismos são vários e amplos. O Estado vale-se não só de revistas, jornais, televisão, cinema, mas também da educação, da propaganda, das artes e reforça valores sociais que são positivos para o capitalismo.

Offe (1984) disserta sobre os chamados sistemas de seletividade, ou melhor, mecanismos de seleção do qual se vale o Estado capitalista para se sustentar, sendo estes a estrutura, a ideologia, o processo e a repressão. A estrutura dos sistemas políticos diz respeito aos elementos jurídicos capazes de realizar a manutenção da ordem vigente, sendo considerada elemento de seletividade favorável ao sistema capitalista, ao utilizar premissas e barreiras para certas políticas, bem como controlar o ambiente no qual se desenvolvem certos acontecimentos políticos. Segundo o referido autor, a ideologia promove a percepção e administração seletiva de problemas sociais, filtrando os acontecimentos a partir de normas. O processo refere-se à burocracia ou aos procedimentos pelos quais ideias são transmitidas nas organizações que compõem o corpo do Estado ou que ele pode usar com este fim, para serem selecionadas e efetivamente implementadas as medidas que lhe convém. Nesse sentido, há

preferência por certas políticas que são consideradas mais viáveis em termos de manutenção do *status quo*. Por fim, a repressão consiste na ameaça de uso de atos repressivos ou seu efetivo uso por parte do Estado, tais como a política ou a justiça. Conforme resume Guilherme de Abreu e Silva (2011), esses “mecanismos de seletividade de dentro do próprio Estado têm como função assegurar o caráter classista da máquina estatal e, por assim dizer, a manutenção da estrutura capitalista” (SILVA, 2011).

Seguindo este mesmo raciocínio, Silva (2011) busca fazer dialogar as ideias de mecanismos de seletividade de Offe com os aparelhos ideológicos do Estado teorizados por Althusser (1983) e com as ideias de dominação por hegemonia, sendo esta última uma relação pedagógica, ou seja, dotada de um processo de aprendizado, para Anthony Gramsci (1982). Em suma, Silva (2011) busca mostrar que o Estado utiliza desses mecanismos de seletividade para suprimir ideias anticapitalistas e promover e sustentar o capitalismo por meios como “os aparelhos ideológicos religiosos, escolares, familiares, jurídicos, sindicais, de informação e cultural” (SILVA, 2011).

É relevante destacar o peso dos autores apresentados acima para a pesquisa proposta, uma vez que serão feitas duas análises a partir deles: uma introspectiva, ou seja, dentro do universo da história em quadrinhos; e outra extrospectiva, procurando entender que modelo de Estado e ideias o próprio quadrinho vende para os leitores. Dessa maneira, dentro da investigação introspectiva, busca-se verificar se há algum tipo de uso dos veículos de difusão de ideias e informação pelo Estado ou instituições estatais do universo do herói e, caso haja, como é usado e quais ideias se disseminam para os cidadãos do universo estudado. Já na análise extrospectiva, o propósito é identificar e caracterizar o modelo de Estado retratado nos quadrinhos e que teorias ou ideias são difundidas para os leitores, tomando em consideração o próprio quadrinho como meio de comunicação e veículo de informação.

Outra abordagem que será utilizada nesta variável é o interacionismo simbólico, conceito usado pela psicologia social, idealizado por Mead (1934) e alvo de muito debate dentro da academia. O interacionismo simbólico pressupõe a influência da sociedade sobre o comportamento (ou reação) do indivíduo, de sua mente e personalidade, sendo esta primeira capaz de moldá-lo (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010). No âmbito do interacionismo simbólico, abordam-se linguagem, símbolos e significados. Pitkin (2006) também compartilha da ideia de que conceitos, símbolos ou significados são constituídos a partir de um conjunto de ações sociais. A autora busca estudar a história da etimologia da palavra “representação” e

como ela se desenvolveu ao longo dos anos. Cita o exemplo do alemão, que possui três palavras diferentes para o conceito de “representação”: uma que ilustra apenas o ato de retratar (*darstellen*), outra que está atrelada ao ato de agir em nome de outrem positivamente (*repräsentieren*), e uma terceira com o mesmo significado da segunda, porém, de maneira negativa (*vertreten*).

É interessante perceber que esses três conceitos diferentes para os alemães são expressos usando a mesma palavra para os falantes da língua inglesa ou portuguesa. Nesse sentido, a sociedade é responsável por desenvolver a linguagem, atribuir novos significados e criar novos símbolos. Isso se torna importante quando se trata de HQs, uma vez que o herói expõe um símbolo dotado de inúmeros significados. Dessa maneira, a atuação do herói ou outro protagonista dentro da sociedade, em contato com a percepção (positiva ou negativa) da sociedade sobre a atuação desse herói, construirá significados para o símbolo que o herói representa. Diferentes atores terão diferentes perspectivas (a sociedade civil percebe o herói de maneira diferente da qual o Estado vê o herói, por exemplo). Pitkin (2006) também comenta esse fenômeno com respeito à representação, que pode ser usada no sentido de tornar algo presente, como um símbolo. Partindo desse processo de construção de símbolos ou significados, busca-se entender como o símbolo do herói se forma e o que ele representa, tanto para a sociedade quanto para o Estado. Procura-se, também, entender como a sociedade motivou o herói a se tornar o que é, ou como se tornou o que é, independentemente de sua motivação prévia para formar seu símbolo. A Figura 5 exemplifica como heróis transmitem sentimentos como força e coragem apenas por meio do símbolo que vestem no peito de seus trajes.

Figura 5 – Logo de heróis em equipamentos usados no tratamento do câncer



Fonte: GrupoFisioBrasil.

Nesta unidade de análise, será aplicado o código a seguir:

- I. Quanto à natureza do Estado:
 - a. o Estado possui características do pacto social hobbesiano;
 - b. o Estado demonstra aspectos do pacto social lockeano;
 - c. o Estado expõe nuances pertinentes ao pacto social de Rousseau; ou
 - d. não se aplica.

- II. Quanto à manutenção do Estado capitalista:
 - a. o Estado capitalista faz uso da dominação da hegemonia para se manter;
 - b. o Estado capitalista vale-se dos mecanismos de seletividade para se sustentar;
 - c. o Estado capitalista utiliza ambos, a dominação hegemônica e os mecanismos de seletividade, para sua manutenção; ou
 - d. não se aplica.

- III. Quanto ao símbolo:
 - a. o símbolo do herói representa certos significados para a sociedade, mas não para o Estado;
 - b. o herói constitui um símbolo que representa significados para o Estado, mas não para a sociedade;
 - c. o símbolo do herói representa algo para a sociedade e algo para o Estado, podendo ser a percepção desses dois últimos diferente ou igual; ou
 - d. o herói não tem nenhum símbolo construído em torno de sua atuação, portanto não representa significado algum para ambos, sociedade e Estado.

2.3. Amostra

O universo das HQs é demasiadamente grande e variado, havendo quadrinhos de heróis, personagens comuns do cotidiano, histórias *underground*, narrativas de histórias de livros em formato de quadrinhos, história de países ou guerras contadas em HQ, entre outras possibilidades. Tendo em vista o grande sucesso cinematográfico e televisivo que tanto a *Marvel Comics* quanto a *DC Comics* lograram nos últimos anos, a amostra desta pesquisa será composta por seus principais personagens que ocuparam as telas do cinema ou de séries de TV. Filmes de super-heróis vivem um momento de boom desde 1990, quando a tecnologia de

efeitos especiais tornou tais filmes mais degustáveis e cada vez mais detalhados. Não somente a produção se tornou mais completa e deu uma nova dimensão ao gênero, mas esses filmes também se tornaram deveras lucrativos para os estúdios de Hollywood, conforme esclarece o editor da revista “Mundo dos Super-heróis” ao dissertar sobre o livro “Super-heróis no Cinema e nos Longas-metragens da TV”, de André Morelli (MORELLI, 2009 apud SOUZA, 2009).

Outro ponto a ser levantado é que o cinema sempre buscou por influências em outras formas de linguagem, podendo criar uma “versão de carne e osso para as maiores obras da literatura mundial” (CALLARI *et al.*, 2011, p. 11). Desde 1930-1940, filmes de ficção científica, homens com superpoderes, filmes com alienígenas e gênios criminosos atraem um público gigantesco. Heróis não ficaram de fora dessa fascinação do público e muitos ganharam sua versão “real” nas telas do cinema, geralmente, com inspiração visual nos quadrinhos. Outra observação muito importante é a relação técnica entre o cinema e os HQs: “cinema nada mais é que um conjunto de quadros agrupados, um após o outros, e projetados em sequência” (CALLARI *et al.*, 2011, p. 11).

Nesse sentido, cabe aqui explicar o plano de ambas as editoras e as produtoras que gravam os filmes com base nos quadrinhos dessas duas grandes companhias. Há certo tempo, têm-se desenvolvido histórias de personagens individuais com a breve participação de outros, aos poucos se ligando e formando um grupo de super-heróis. Essa é a ideia que a *Marvel Comics* teve desde o filme “O Incrível Hulk”, de 2008. Deste filme em diante, todos os demais, tais como o Homem de Ferro 1, 2 e 3, estrelados por Robert Downey Jr., o Capitão América 1 e 2, protagonizado por Chris Evans, os Vingadores 1 e 2 e, finalmente, Thor 1 e 2, personificado pelo ator Chris Hemsworth, têm-se interligado para culminar no grupo de super-heróis encabeçado pela Shield (organização secreta de inteligência e operações especiais), chamado de “Vingadores”. Nesse plano, ainda haverá a adição de super-heróis como o Homem Formiga, o Homem Aranha e o grupo de heróis galácticos, os Guardiões da Galáxia.

Além disso, em parceria com a Netflix, a *Marvel* lançou duas séries de enorme sucesso para os fãs de HQs e até para aqueles que não gostam do gênero, o Demolidor e Jessica Jones. Estas duas personagens chamam muita atenção no campo político pelo fato de o protagonista da série Demolidor ser Matt Murdock, um advogado que é cego, e a protagonista da série Jessica Jones ser uma mulher que retrata os desafios do gênero no dia-a-dia e luta contra

estereótipos e paradigmas machistas. Dessa maneira, para os propósitos dessa pesquisa, serão estudadas as seguintes personagens da *Marvel Comics*: Homem de Ferro, Capitão América, Jessica Jones e Demolidor. A seleção dessas personagens específicas foi tomada de maneira a diversificar as personagens, incluindo protagonistas de variados *backgrounds*, bem como estudar aqueles heróis que mais têm feito sucesso. Obviamente, pode-se argumentar que heróis como o Homem-Aranha ou Thor são dignos de atenção e, de fato, têm grande mérito dentro da editora. Todavia, foram selecionados os dois principais heróis do grupo dos Vingadores, o Homem de Ferro e o Capitão América, que se enfrentarão na série Guerra Civil, estreando em 2016 nos cinemas. Não obstante, as personagens Jessica Jones e o Demolidor ilustram uma perspectiva diferente da *Marvel*, dando destaque a heróis que fogem do padrão de atuação destes, que é salvar vidas e lutar pela justiça.

Cabe ressaltar que outras séries vêm aumentando tanto seu sucesso quanto a bilheteria, como os X-Men e o Homem-Aranha. Quando a *Marvel Comics* estava em processo de falência, uma das maneiras que a empresa encontrou para angariar recursos e manter sua produção foi vendendo os direitos de reprodução dos X-Men, do Demolidor e do Homem-Aranha, entre outros, para a Sony. Uma vez que a *Marvel Comics* foi incorporada a Walt Disney Pictures, foi possível entrar em acordo com a Sony para reproduzir novos filmes do Homem-Aranha e incluí-lo nos seus planos futuros para que o herói integre os Vingadores. Ainda não há confirmação para a inclusão de personagens do universo do X-Men ou sobre a possibilidade de juntar um ou mais de seus membros em um filme encabeçado pela Marvel.

Entretanto, reconhecendo o destaque dessas e outras franquias, como Deadpool, Guardiões da Galáxia e Homem-Formiga, para os propósitos dessa pesquisa, foram selecionados apenas quatro heróis de maneira a variar tanto o formato no qual são apresentados (filmes e séries), como também o histórico das personagens.

Para melhor visualizar e definir quais serão as histórias usadas em referencia a cada herói, segue o Quadro 1.

Quadro 1 – Relação Filme-HQ *Marvel Comics*

Personagem(ns)/Grupo	Filme(s)	História-Base para o Filme
Homem de Ferro	Homem de Ferro 1 (2008)	Iron Man #200 (1985); Iron Man #163 (1982), Iron Man #166 (1983); Tales of Suspense

		#39 (1963)
	Homem de Ferro 2 (2010)	Iron Man #120-128 (1979)
	Homem de Ferro 3 (2013)	Iron Man: Extremis (2005)
Capitão América	Capitão América: O primeiro vingador (2011)	Capitão América #1 (1941), Tales of Suspense 81 (1966)
	Capitão América: O soldado invernal (2014)	Capitão América: O Soldado Invernal (2005)
Jessica Jones	Jessica Jones – Série Netflix (2015)	Alias (2001-2004)
Demolidor	Demolidor (2015)	Demolidor – O Homem sem Medo (1993)

Fonte: A identificação da história-base foi feita pelo autor, comparando o conteúdo do filme e da publicação.

Já a *D.C. Comics* não possui um plano estruturado para lançamentos cinematográficos e é mais reservada quanto aos seus próximos empreendimentos. Cabe ressaltar que a trilogia do diretor Christopher Nolan, estrelando Christian Bale como Batman, é o conjunto de obras cinematográficas de maior sucesso e mais recente da D.C. Pelo que os estúdios responsáveis pela trilogia, o diretor Christopher Nolan, o Diretor Zack Snyder e a própria D.C. indicam, a trilogia recente terá poucas conexões com os planos da D.C. e da Warner Bros. de lançar uma sequência de filmes com conexões, porém, é possível que haja ligações com o personagem da trilogia de Nolan e seus empreendimentos. Dessa maneira, aqui cabe incluir para estudo nesta pesquisa as histórias que basearam a trilogia *Batman Begins*, *Batman: The Dark Knight* e *Batman: Dark Knight Rises*.

Em seguida, o diretor Zack Snyder dirigiu o que foi o primeiro filme de uma sequência de várias histórias que se ligarão para formar a Liga da Justiça. *O Homem de Aço – Superman*, de Zack Snyder, é o primeiro filme dessa nova fase cinematográfica da D.C. Comics e Warner Studios. Essa nova série já possui uma sequência chamada *Batman V Superman: Dawn of Justice*, que narrará a introdução do novo Batman (protagonizado por Ben Affleck), da Mulher Maravilha, do Flash e do Aquaman. Os planos da D.C. ainda estão em uma fase inicial, além de não serem tão claros quanto os da Marvel.

Para contribuir com o arsenal de amostras, a *DC Comics* sempre teve um sucesso notório com séries de televisão, ao exemplo de *Smallville*. Recentemente, a *DC*, em parceria

com a Warner, lançou duas séries televisivas de imenso sucesso: *Arrow* (Arqueiro Verde) e *The Flash*. *Arrow* já conta com quatro temporadas e teve a *première* de sua quarta temporada em outubro de 2015, junto com a segunda temporada de *The Flash*. Não é claro se essas séries farão algum tipo de ponte com os próximos lançamentos de cinema da D.C. e Warner, ainda havendo grande especulação. Porém, ambas as séries geraram tamanha repercussão e aumentaram mais ainda seu sucesso com os famosos *crossovers* (aparição de uma ou mais personagens de uma série na outra), o que torna conveniente incluir estes dois personagens na amostra.

Não tão atual, porém, com relevante peso e fama dentro da *DC*, destaca-se *V de Vingança* (2005). Este último compõe um selo da *DC* destinados a um público mais adulto e sério, com fortes críticas políticas e filosóficas, que é a *Vertigo*. Apesar de o lançamento cinematográfico de *V de Vingança* não ser tão recente quanto os acima mencionados, seu conteúdo certamente enriquecerá a análise aqui proposta, portanto, é prudente incluí-lo na amostra.

Assim como notado na seleção de personagens da *Marvel*, é necessário mencionar que há várias HQs e personagens de peso que já foram retratadas nas telas de cinema e séries de TV, à exemplo de *Watchmen*, os antigos *Batman* de George Clooney e de Michael Keaton, o *Superman* de Christopher Reeve e de Brandon Routh, entre muitos outros. Apesar disso, como feito anteriormente, para fins de recorte desta pesquisa, serão selecionados apenas quatro personagens, com base na variedade de seus *backgrounds*.

Em suma, os heróis e grupos que comporão a amostra proveniente da *DC Comics* serão: Batman, Superman, Arqueiro Verde, O Flash e Guy Fawkes (*V de Vingança*).

Mantendo o padrão de explicação, no Quadro 2, explicitam-se os heróis, o filme ou série que gerou grande bilheteria e a história-base para seu enredo.

Quadro 2 – Relação Personagem, Filme e HQ

Personagem(ns)/Grupo	Filme(s) ou Série	História-Base para o Filme, Série ou Jogo
Batman	Batman Begins (2005)	Batman – Year One (1987),
	Batman: The Dark Knight (2008)	The Killing Joke (1988), The Long Halloween (1996)

	Batman: The Dark Knight Rises (2012)	Knightfall: Volume 1 (1993)
Superman	Man of Steel (2013)	Superman – Origem Secreta (2009)
Flash	The Flash (Série de TV, 2014 –)	Flash: Move Forward (The new 52) (2011)
V de Vingança	V de Vingança (2005)	V de Vingança (Alan Moore, 1988)

Fonte: A identificação da história-base foi feita pelo autor, comparando o conteúdo do filme e da publicação.

Destaca-se que, apesar de não haver foco nos vilões, as análises certamente contemplarão as relações dos heróis com seus inimigos.

A escolha dos personagens baseia-se na grande repercussão e bilheteria que esses personagens obtiveram nas telas de cinema ou da TV já nos anos 2000 até o momento presente (2015), porém, ainda há outra questão. Cada um desses personagens participa de inúmeras aventuras em diversas histórias, seja em HQs do grupo dos Vingadores, da Liga da Justiça, seja em histórias individuais de cada um dos personagens. Portanto, ainda paira a dúvida sobre quais quadrinhos, deste imenso universo, escolher. A proposta é bem simples e também se baseia na repercussão que os personagens tiveram no formato televisivo ou cinematográfico: as histórias de cada personagem, seja em filmes de supergrupos ou individuais, serão as HQs que serviram de base para os respectivos filmes ou séries.

2.4. Replicabilidade e limitações

O universo das HQs é grande e complicado de se entender. Há histórias que estão sendo lançadas mensalmente desde sua criação no século passado, e há histórias que são publicadas como “fechadas”, sem eventos anteriores ou posteriores e sem ligação com demais publicações concomitantes, entre outras edições especiais. Tanto a Marvel quanto a D.C. renovam suas histórias periodicamente, fazendo o chamado “reboot” (reiniciar). Dessa maneira, o recorte aqui usado é baseado em um momento oportuno de “boom” dos quadrinhos no cinema e na televisão. Independentemente desse boom, que também gera uma maior venda e notoriedade para as HQs, o formato tem tomado notoriedade nos demais contextos e situações da sociedade. Como comentado na Introdução, não raramente, quadrinhos são

usados para fins educacionais, em propagandas governamentais como forma descontraída (e curta) de humor em jornais e, recorrentemente, em manifestações.

Observa-se o crescente uso da arte sequência para todos os fins aqui já comentados, além de se tornar cada vez mais comum evidenciar HQs inspirando séries, filmes, jogos e até livros. Um filme, uma série ou um jogo farão as adaptações necessárias da história original da HQ para adequar-se ao formato (duração, plataforma, estilo visual, público etc.), porém, acredita-se na possibilidade de uso do código de análise aqui proposto para futuras investigações dessas HQs adaptadas para outros formatos.

A seguir, serão analisadas as HQs que compõe a amostra da *Marvel Comics*.

3. HQS DA MARVEL COMICS

Neste capítulo, serão apresentados os heróis que compõem a amostra por parte da *Marvel Comics*, sendo estes o Homem de Ferro, o Capitão América, Jessica Jones e o Demolidor. Cada seção deste capítulo conterà uma breve narração das HQs analisadas e, em seguida, o estudo sobre cada uma das variáveis políticas.

3.1. O Homem de Ferro

Anthony Stark, o Homem de Ferro, é introduzido na série “*Tales of Suspense #39*” (1963) em uma missão junto ao governo dos Estados Unidos no Vietnã do Sul. Stark, que é um gênio bilionário dono da maior empresa estadunidense de materiais bélicos, acompanha soldados norte-americanos que estão sofrendo uma série de derrotas de Wong-Chu, o “tirano da guerrilha vermelha”, conforme é chamado nos quadrinhos. O motivo de sua presença na campanha é testar suas novas armas que usam de magnetismo para diminuir o tamanho de morteiros e causar severos danos e, caso não funcionassem, Stark poderia consertá-las em campo.

Entretanto, Stark é surpreendido por uma armadilha explosiva que deixa seu corpo cheio de estilhaços, sendo que alguns deles infiltraram sua corrente sanguínea, deixando-lhe com apenas alguns dias de vida. Capturado pelo inimigo, Wong-Chu força Stark a passar seus últimos dias usando sua inteligência para criar armas para o Vietnã do Sul. Para ajudá-lo nessa tarefa, o físico Dr. Yensen é designado para acompanhá-lo. Stark, porém, usa os materiais fornecidos para criar uma máquina que salvará sua vida em dois sentidos: mantendo os estilhaços que estão em seu corpo longe de seu coração e servindo-lhe de proteção para fugir de sua prisão vietnamita. No processo de fuga, Dr. Yinsen sacrifica sua vida para Stark ativar sua armadura e se vingar do terrível tirano.

O primeiro filme, que conta a criação de Stark, é baseado tanto na história acima referida, quanto na história “*Iron Man #200*”, que ilustra o conflito entre Stark como o Homem de Ferro e Obadiah Stane, seu rival, que copiou sua armadura e nomeou-a Monge de Ferro. Stane é uma das poucas pessoas que conhece a identidade por trás da máscara do Homem de Ferro e usa vários artifícios para prejudicar economicamente sua empresa, a *Stark International*. Stark, derrotado emocionalmente por várias perdas profissionais e de amigos,

enfrenta Obadiah Stane como o Monge de Ferro para dar um fim à sua tormenta causada pelo vilão.

A continuação do sucesso do Homem de Ferro no cinema usou como inspiração o arco “Demônio em uma Garrafa”, que compreende as edições de número 120 a 128 de *Iron Man*. Nessa história, Stark se vê frustrado em diversos combates, pois sua armadura está apresentando defeitos, secretamente causados por Justin Hammer, empresário que o tem como inimigo. Além disso, a *Strategic Homeland Intervention, Enforcement, and Logistics Division* (Shield)³ está tentando comprar ações-chave para a sua empresa, a *Stark International*, para obter controle na diretoria. Com essas diversas frustrações e problemas, Tony se vê dependente de bebidas alcoólicas para enfrentar os seus problemas ou fugir deles.

Para completar a trilogia, o último filme do Homem de Ferro baseou-se na história *Extremis* (2005), na qual Tony se encontra em dilema sobre sua empresa e sua ética de trabalho. Apesar de afirmar para si mesmo que os empreendimentos e as pesquisas da *Stark International* são voltados para ajudar as pessoas e a sociedade, tendo, de fato, muito contribuído para a medicina, muitos críticos da sociedade e da mídia acreditam que a empresa tem forte caráter militar. Tomado por este conflito moral, Stark é forçado a enfrentar um terrorista que teve sucesso ao tomar a fórmula da *Extremis*, criação de sua colega bióloga Maya Hansen e do Dr. Aldrich Killian para recodificar os genes de seres humanos, podendo usar tal ferramenta com propósitos de cura e até bélicos.

3.1.1. Corrupção

No arco Homem de Ferro 120-128, Justin Hammer, empresário competidor de Tony Stark, admite contratar mercenários e vilões para realizar assaltos, financiando-os em troca de 50% do lucro obtido em suas práticas ilegais. Já em *Extremis*, há relação corrupta entre os criadores da fórmula da *Extremis* e os terroristas que a compram. O Dr. Killian e a Dra. Maya roubam a fórmula da empresa em que trabalham, a *Futurepharm*, e a entregam para terroristas que estão descontentes com o governo estadunidense e querem destruir a Casa Branca. Os biólogos sabiam que os terroristas usariam a fórmula para ferir os Estados Unidos de alguma forma, e o fizeram justamente para que pesquisas semelhantes fossem interrompidas pelo

³ Organização extragovernamental fundada pela Organização das Nações Unidas (ONU), pela Agente Peggy Carter e pelo cientista Howard Stark (pai de Tony Stark, o Homem de Ferro), financiada por potências da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a Shield tem a missão de proteger o planeta de ameaças como conflitos internacionais, terrorismo e até invasões alienígenas, como eventualmente ocorre em algumas histórias dos Vingadores.

governo, fazendo uma analogia ao bombardeio de Hiroshima – teve de acontecer em público e em um dia normal para chamar a atenção.

A Figura 7 ilustra a confissão de Justin Hammer de contratar mercenários visando lucros.

Figura 7 – Justin Hammer revela relação corrupta com mercenários



Fonte: *Iron Man* # 127 (1979)

Com a análise feita acima, cabe afirmar que a corrupção produz efeitos negativos sobre a sociedade e, apesar de não ser uma das categorias propostas, a corrupção se situa no setor privado, porém, não há maneiras de investigar se esta é originária do setor público. No que tange ao tipo de corrupção, não há elementos palpáveis para concluir sobre suas características. É interessante destacar que, mesmo no setor privado, atores usam diversas motivações para cometer práticas corruptas ou análogas, neste caso, a ideologia sendo a motivação da Dra. Maya e do Dr. Killian. Pode-se destacar, também, que essa corrupção contida no setor privado produz efeitos nocivos sobre a sociedade, causando mortes, danos físicos e materiais a civis.

3.1.2. Natureza humana

O Homem de Ferro, em suas campanhas, mostra alguns aspectos interessantes sobre a natureza humana. Primeiramente, destaca-se que o herói não mata desnecessariamente,

preocupa-se em salvar muitas vidas inocentes que nenhuma relação têm com seus conflitos. A primeira vez que se percebe isso é em sua introdução, em *Tales of Suspense #39* (1963), quando busca libertar inocentes que estão presos na base de Wong-Chu. Tony Stark também tem a chance de matar Obadiah Stane, inimigo que não poupou esforços para eliminá-lo, porém, não o faz. Inclusive, tenta salvar o vilão que se suicida em decorrência de sua derrota.

Estes elementos apontam para uma natureza humana lockeana, pois o herói vê a necessidade manter sua sobrevivência e a de outrem como sua prioridade, o que vai de encontro ao interesse de seus inimigos. Dessa maneira, vê-se que o herói busca a sobrevivência própria e de seus compatriotas ou inocentes, porém, elimina o inimigo se isto for necessário para que se mantenha vivo e salve outros.

O herói também se vê em vários conflitos que indicam um cenário de estado de natureza. Logo na sua primeira aparição, o herói situa-se em campo inimigo na guerra do Vietnã, auxiliando forças armadas dos Estados Unidos. O herói é defendido pelos soldados enquanto os auxilia em quaisquer reparos que sejam necessários para que usem as armas que o bilionário forneceu, numa relação simbiótica contra o inimigo. Todavia, o herói cai em uma armadilha que quase o elimina, além de deixar estilhaços em seu corpo, que o matariam em alguns dias. Conforme já exposto, Stark trabalha com o físico Dr. Yinsen para criar a armadura que salvaria suas vidas, porém, o nobre doutor se sacrifica para que o recém-criado Homem de Ferro ponha um fim no terror de Wong-Chu.

Stark vê-se furioso pela brutal morte que seu parceiro sofreu para poder salvá-lo, seguindo com sua armadura para matar o líder comunista Wong-Chu, taxado de terrorista por ele. No processo, Stark não mata os soldados que servem o inimigo e libera escravos inocentes. Apesar de não estar claro se os escravos eram vietnamitas ou americanos, o importante é notar que Stark vê a necessidade de lutar e punir seu inimigo, defendendo aqueles que não estão envolvidos, ou estão forçadamente atuando contra seu interesse.

Essa preocupação com os inocentes e até com o próprio inimigo se repete quando Stark enfrenta Obadiah Stane em *Iron Man #200* (1985). Stane revela seus planos de colocar ordem onde há o caos, como ele mesmo afirma, fazendo referência ao governo, e constantemente querer provar sua supremacia perante a organização político-social vigente. Ainda assim, o Homem de Ferro ainda mostra aversão pela morte de seu inimigo. Stane, apesar de mostrar constantes ideais convergentes com a natureza humana de Hobbes, acaba violando a *lex naturalis* ao se suicidar, mesmo que tal ato tenha sido cometido para que o inimigo não goze de sua conquistada superioridade sobre si, conforme ilustra a Figura 8.

Figura 8 – Suicídio de Obadiah Stane



Fonte: *Iron Man* #200 (1985).

Sequestrado por Justin Hammer, empresário que atua para sabotar o Homem de Ferro nas histórias *Iron Man* 120-128, Stark descobre que ele é o responsável pelas recentes e constantes falhas em sua armadura, bem como financia seus inimigos para que cometam atos ilícitos que trazem lucro ao empresário. Neste arco, é importante notar que Stark sofre problemas com alcoolismo, frustrado com as falhas em sua armadura e com a Shield tentando tomar o controle da *Stark International*, possuindo uma natureza autodestrutiva que violaria o *lex naturalis* de Hobbes. Ainda assim, Stark compensa sua frustração com bebidas alcoólicas, uma vez que está impossibilitado de usar sua armadura, que foi confiscada para testes técnicos ao assassinar o embaixador de um país que reabriu as portas recentemente para negócios com a *Stark International*, motivo pelo qual Hammer sabota Stark e sua armadura. Após derrotar Hammer, Stark descobre que a Shield teve sucesso em adquirir o controle de sua empresa.

Após este episódio, Stark depara-se com a necessidade de reabilitar-se e não depender do álcool para lidar com seus problemas, buscando novos meios para atuar como empresário e com sua identidade secreta, o Homem de Ferro.

Dessa maneira, nas histórias *Iron Man* 120-128, 163, 166, 200, *Tales of Suspense* 39, e *Extremis*, pode-se concluir por um estado de natureza hobbesiano, uma vez que todos os inimigos buscam supremacia sobre seus competidores ou inimigos. Quanto à perspectiva de Stark da natureza humana, é admissível advogar pelas ideias preconizadas por Locke nesse sentido, uma vez que o empresário tem sim uma predisposição ao conflito quanto vê sua vida ou suas propriedades ameaçadas.

3.1.3. Representação político-social

A representação política não é uma variável que possui indícios nas histórias do Homem de Ferro. Apesar de a história ou as próprias personagens se remeterem ao Estado ou governo frequentemente, nada se mostra a respeito dos representantes políticos.

Já no aspecto de representação social, Stark é um milionário que tem como sua identidade secreta o Homem de Ferro. Logo em sua primeira aparição em *Tales of Suspense* #39, a narração afirma que Stark, além de milionário, é um cientista. Ora, à época, cientistas eram retratados de maneira pejorativa, sendo pessoas pouco sociais, enjauladas em seus laboratórios fazendo experimentos que vieram a ser úteis, porém, com pouco reconhecimento de seu trabalho. Dessa maneira, do tom da afirmação de Stark ser milionário e cientista, pode-se mostrar que ele representa esta profissão que sofre de preconceitos sociais, mas não necessariamente discriminações. A Figura 9 apresenta o tom da introdução de Stark.

Figura 9 – Tony Stark aparece pela primeira vez nos quadrinhos



Fonte: *Tales of Suspense* #39 (1963).

Além disso, destaca-se que o setor privado é dominante na história, sendo constantemente ilustrado por pessoas brancas e ricas, uma pequena parcela da população. Stark também faz parte dessa minoria dominante do setor privado.

3.1.4. Percepção sobre o Estado

Destarte, com as informações sobre o enredo já expostas nas seções acima, é fácil concluir que o Estado apresenta aspectos característicos do pacto social proposto por Locke. Por diversas vezes se reitera o protagonismo do setor privado na história, bem como a grande exaltação pela propriedade privada revelam a identificação com os ideais lockeanos de pacto social.

Como já exposto, o Estado é timidamente retratado nas histórias do Homem de Ferro, não sendo possível identificar relações com as suas estratégias para sua manutenção e prosperidade.

Por fim, destaca-se que o herói é visto pela sociedade e pelo Estado de maneira controversa em diferentes histórias. Em *Extremis*, é possível notar que o governo mantém uma boa visão do Homem de Ferro por possuir ligações com Stark, uma vez que o empresário muito contribuiu para a tecnologia de guerra no país. Já a sociedade se mostra indignada com os empreendimentos de Stark e sua companhia, acreditando que ele é responsável por grande parte da violência vivida dentro e fora dos Estados Unidos, conforme revela a Figura 10.

Figura 10 – Protestos em frente à Stark *International*



Fonte: Extremis (2005).

3.2. Capitão América

O Capitão América é criado a partir de um experimento no qual o governo estadunidense investiu milhões de dólares em pesquisas para criar super-soldados que serviriam para por um fim à Segunda Guerra Mundial. Com seu voluntarismo ao exército negado por suas condições físicas, Steve Rogers é selecionado para ter o soro do super-soldado testado em si. Com o soro aplicado, o jovem rapidamente tem seu porte físico extremamente fortalecido e aumentado, bem como suas capacidades cognitivas. O experimento foi feito aos olhos de altos oficiais do governo e do exército dos Estados Unidos, porém, havia um agente alemão infiltrado. O agente atira contra o Dr. Abraham Erskine, a única pessoa capaz de reproduzir o soro do super-soldado, além de ter atirado no último frasco do soro.

O Capitão América, já ressuscitado nos tempos mais atuais, enfrenta o Caveira Vermelha em uma de suas empreitadas, que era considerado a arma secreta de Hitler durante o nazismo em *Tales of Suspense #81* (1966). No episódio, Rogers enfrenta o inimigo que tomou posse do cubo cósmico, um artefato lendário que dá ao seu dono o poder de concretizar qualquer desejo que fizer. O Capitão América vê-se forçado a usar do desprezo do inimigo por si para derrotá-lo e enterrar o cubo cósmico, pois tal poder é demasiado para qualquer mortal. Mais tarde, após morrer de velhice, o vilão é ressuscitado pelo cientista Arnim Zola

em um corpo clonado de Steve Rogers com os padrões mentais do nazista, retornando para a série “O Soldado Invernal”.

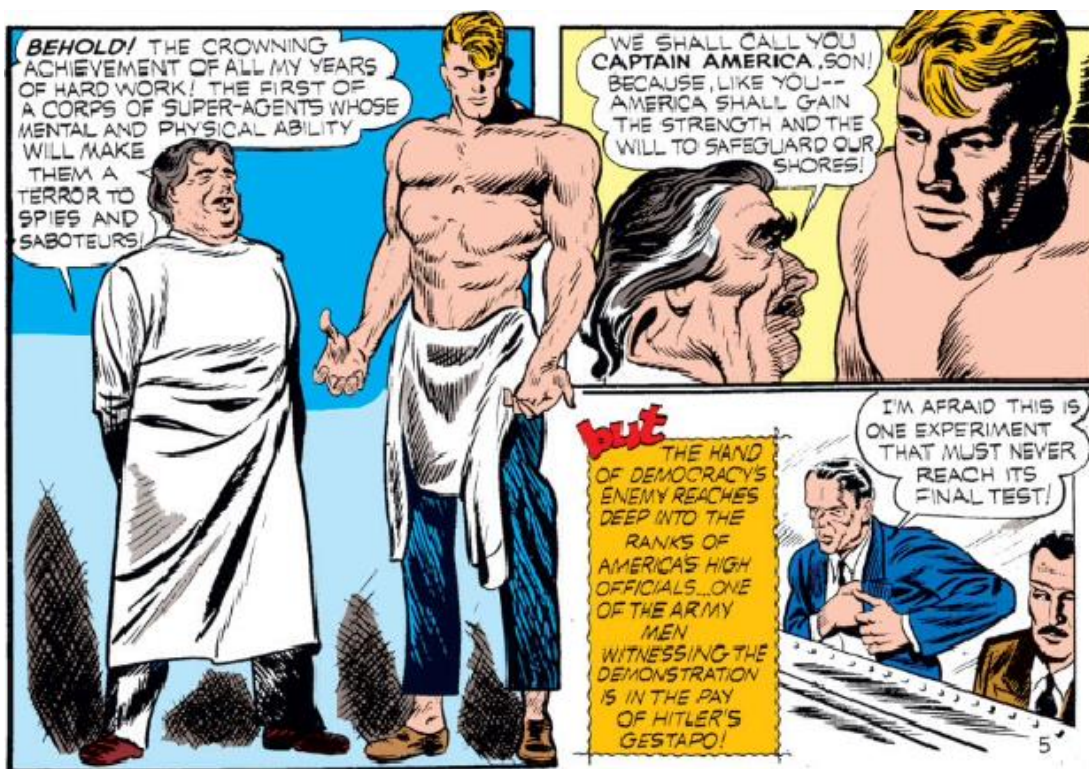
Em uma missão na segunda guerra, Rogers é dado como morto, bem como seu parceiro Bucky Barnes. Os dois, porém, são resgatados e reanimados. Rogers revive em pleno século XXI, passando por diversas dificuldades para adaptar-se ao estilo de vida de mais de sessenta anos após sua suposta morte. Bucky, por outro lado, é encontrado pelos então soviéticos e transformado na máquina mortífera chamada Soldado Invernal, tendo sua memória apagada e mantendo as habilidades físicas e de combate. A arma secreta dos soviéticos é usada em diversas missões para assassinar figuras-chave do governo estadunidense durante a Guerra Fria, tornando-se uma lenda por nunca ser visto e sempre ser eficaz com seus objetivos. Em “O Soldado Invernal” (2005), Rogers vê-se obrigado a enfrentar um inimigo desconhecido que, graças ao cubo cósmico recuperado pelo Caveira Vermelha, consegue manipular suas memórias, deixando-o em conflito com o passado.

Rogers, juntamente a Sharon Carter, a chamada Agente 13 da Shield, investigam os planos do desconhecido inimigo, que matou o Caveira Vermelha para se apoderar do cubo cósmico. Após várias afrontas consideradas pessoais pelo capitão, Rogers descobre que Aleksander Lukin, dono da corporação Kronas, está por trás de todas as afrontas que envolvem a morte de inocentes civis, manipulação das memórias do capitão e destruição do túmulo de dois amigos seus. Em uma missão que tinha como objetivo destruir uma base os nazistas na União Soviética e destruir a arma secreta alemã durante a Segunda Guerra, Rogers trabalha junto à Vasily Karpov, coronel russo com quem possui várias divergências de ideologia. Tomado por desejo de vingança, Karpov, que encontra o menino Lukin deixado órfão devido à batalha realizada, treina o soviético para ser seu sucessor.

3.2.1. Corrupção

Apesar de o setor privado e o setor público serem claramente ilustrados nas histórias do Capitão América, pouco se fala sobre a relação entre os dois. Em “Capitão América – O Soldado Invernal” mostra-se que as companhias e o governo agem em prol dos Estados Unidos, sempre com o ar patriótico característico daquele país. Todavia, não há elementos que mostrem como as duas esferas se relacionam, produzindo algum tipo de ligação ilegal ou não. Portanto, é necessário concluir que não há elementos que apontem para alguma teoria no campo da corrupção.

Figura 11 – Surge o Capitão América



Fonte: *Captain America* (1941).

3.2.2. Natureza humana

Steve Rogers, assim como seu colega vingador, Tony Stark, tem posição controversa sobre a natureza humana em algumas situações. Na história de seu surgimento em plena Segunda Guerra Mundial, o recém-criado Capitão América agarra o invasor nazista que se infiltrou na base militar de experimentos onde o herói foi criado, arremessando-o contra um equipamento que o reduz a pó depois de um choque elétrico, e afirmando ter sido um destino merecido. Ora, tal ação mostra-se condizente com a natureza humana preconizada por Hobbes, uma vez que agiu contra aquele agente que ameaçava os interesses estadunidenses. Este comportamento repete-se no início da história do Soldado Invernal, porém, Rogers reconhece o conflito dentro de si, sabendo que não é certo matar ou ferir inimigos além do necessário para sua sobrevivência ou cumprir sua missão. Como soldado, Rogers reconhece que, geralmente, soldados ou capangas estão apenas seguindo ordens e, apesar de agirem contra a lei ou contra os interesses dos Estados Unidos, o Capitão América entende que necessita deles vivos para extrair informações e puni-los conforme a lei.

Ao mesmo tempo em que demonstra essa preocupação com os inimigos, inclusive uma dedicação enorme para salvar inocentes que por acaso podem ser atingidos em meio à sua missão, tal crença não se aplica quando o cenário é de guerra. Em várias de suas lembranças provocadas pelo cubo cósmico e mesmo momentos de recordação, Rogers tomava os nazistas como inimigos contrários aos interesses dos Estados Unidos e da liberdade, portanto, não hesitava em matá-los devido a este conflito de interesses. A Figura 12 ilustra esse impasse que Rogers enfrenta:

Figura 12 – Rogers ouve sermão de sua parceira, Agente 13



Fonte: Capitão América – O Soldado Invernal (2005).

Nesse sentido, a visão do herói quanto ao estado de natureza, quando existente, e a natureza dos ser humano são classificados como lockeanos, principalmente levando em consideração os conflitos de interesses e propriedades traduzidos como os interesses dos países envolvidos na Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria.

3.2.3. Representação político-social

Durante as histórias do Capitão América no século XX e XXI, por diversas vezes os Estados Unidos são exaltados como modelo ideal de país e mostra-se a liberdade como um de seus maiores princípios. Porém, em momento algum os representantes da sociedade no

governo são alvo de ilustração nessas histórias. Rogers faz breve referência ao governo de Kennedy em 1964, afirmando que ele defendeu os interesses dos americanos e que fez dos Estados Unidos um país melhor. Esta breve afirmação leva à conclusão que o então presidente John Fitzgerald Kennedy atendia aos interesses de seus eleitores e cidadãos. Quaisquer conclusões além desta, por falta de foco no aspecto representativo, seriam especulação. A Figura 13 ilustra o trecho no qual Rogers menciona o mandato de Kennedy.

Figura 13 – Rogers afirma sua crença em Kennedy



Fonte: Capitão América – O Soldado Invernal (2005).

Quanto à identidade do Capitão América, Steve Rogers, então um menino frágil, é transformado em um super-soldado. Enquanto não age como o Capitão América, Rogers é cabo do exército, representando este setor social. No que tange à sociedade em geral, são notados elementos que apontam que a segmentações sociais são privilegiadas e, outras, discriminadas. Não se nota um personagem negro na história original do Capitão América, apesar de serem apresentadas algumas mulheres. Além disso, todos os oficiais, protagonistas ou agentes do governo retratados nesta primeira história, são brancos. Há, porém, uma mulher branca na história cuja identidade é Agente X13, que é uma das mais valiosas agentes do governo, como afirma o Dr. Erskine, criador do soro do super-soldado.

Já em O Soldado Invernal (2005), o Capitão América luta lado a lado com sua companheira, Sharon Carter, e o Falcão, que é negro, e ambos exercem papéis cruciais na história. Esta mudança evidencia que a discriminação ou sub-representação dos papéis de negros e mulheres foi deixada no passado, apesar de não serem os protagonistas da história, ou pelo menos amenizada de forma relevante.

3.2.4. Percepção sobre o Estado

Primeiramente, tratando-se dos Estados Unidos, a maior potência capitalista do mundo, o enredo das histórias do Capitão América é dotado de típico tom patriótico, exaltando a democracia e liberdade em contraponto ao socialismo, opressor e autoritário. Apesar de não discutir abertamente o socialismo ou comunismo, o soldado faz referência aos soviéticos e sua crueldade, bem como aos nazistas e sua desumanidade. Em missão na Segunda Guerra Mundial, o coronel Vasily Karpov é retratado como o típico estereótipo soviético: frio, duro e bravo. Nessa empreitada junto aos soviéticos, Rogers destaca várias divergências culturais e políticas, por exemplo, discordando do coronel que tortura um inimigo capturado para obter informações, ordenando que protegesse os moradores, o que foi tomado como ofensa pelo coronel, e criticando-o por sacrificar seus homens para tentar recuperar a arma secreta nazista, motivo pelo qual foram enviados para a missão. Essas divergências se dão no sentido de desqualificar o comunismo e socialismo, ao mesmo tempo em que exalta o capitalismo por meio de ideias como democracia, liberdade e direitos fundamentais.

De maneira geral, no que tange à organização dos Estados Unidos representados nas histórias do Capitão América, pelos valores ressaltados, pode-se concluir pelas características do pacto social lockeano, exaltando a propriedade privada e garantia de direitos como a vida, bens e liberdade individual pelo Estado. Além disso, conforme exposto acima, o Estado capitalista no qual a personagem está inserida e apoia faz uso de mecanismos de seletividade, bem como hegemonia para sua manutenção.

Todavia, o Capitão América é símbolo de peso para o país, tanto que é necessário que outras duas pessoas vistam seu uniforme após ser dado como morto. O Capitão América é visto como sinônimo de coragem, bravura, liberdade e patriotismo americano. Esses são os valores que sua imagem invoca tanto para os cidadãos americanos quanto para soldados. Rogers, inclusive, foi criado ciente de que seria usado como um símbolo para seus colegas soldados e para a população estadunidense.

3.3. Jessica Jones

Jessica Jones é uma personagem recente da Marvel criada por Brian Michael Bendis e Michael Gaydos em 2001. A personagem deixa a vida de super-heroína após trágico episódio com o vilão Killgrave, tornando-se investigadora particular em Nova Iorque, geralmente

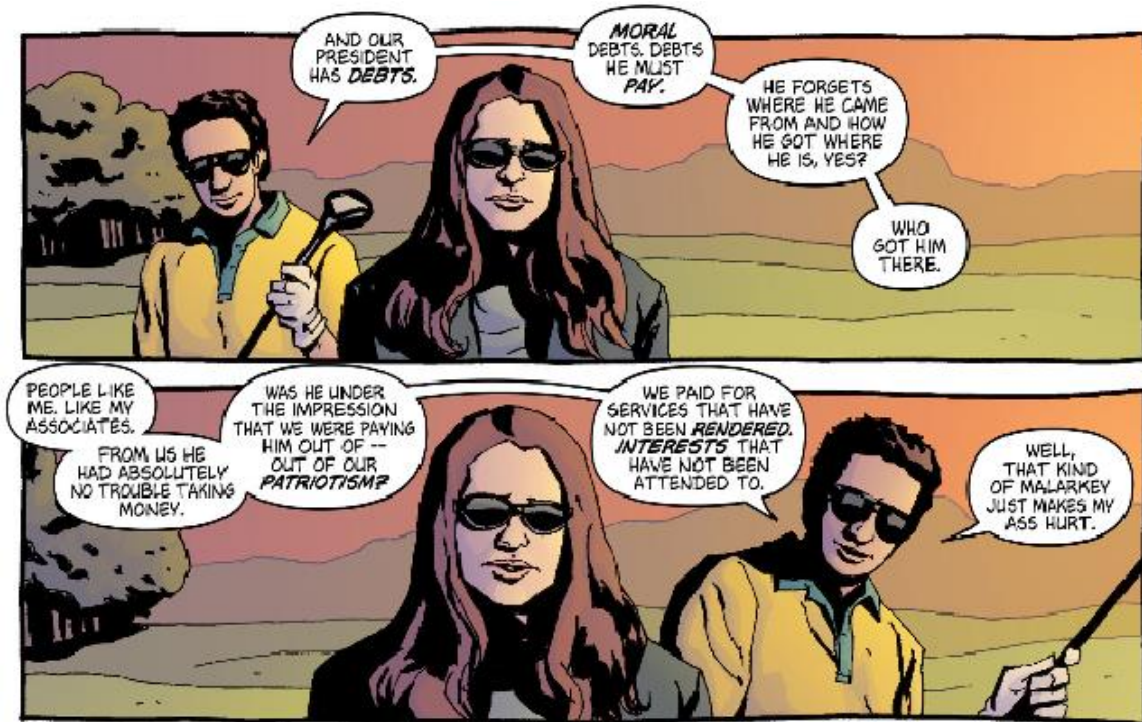
contratada por maridos ou mulheres que suspeitam que seus parceiros estejam cometendo traição. Jessica é uma personagem bem humana e cotidiana, sem super-poderes e não se aventurando para salvar pessoas, ela apenas deseja sobreviver na grande cidade cosmopolita e por diversas vezes se encontra em conflito sobre o que deseja fazer com sua vida. Quando mais nova, a personagem perdeu os pais e o irmão em acidente de carro. Após seis meses em coma, Jessica é adotada por uma família em seu antigo bairro, podendo retornar à sua antiga escola, porém, se vê constantemente como o centro da atenção de todos, constantemente havendo fofocas sobre seu acidente. Em *Alias* (2001), Jessica Jones relaciona-se com diversos super-heróis ou grupos, como os Vingadores, O Quarteto Fantástico, Matt Murdock (O Demolidor) e o Homem-Aranha, que estudava em sua antiga escola.

3.3.1. Corrupção

No breve trecho que se aborda o tema de corrupção em *Alias* (2001), é possível fazer análises interessantes do dado episódio. Logo no início de sua história, Jessica Jones é contratada para seguir uma mulher desaparecida, irmã de sua cliente. Em sua investigação, descobre que a mulher não está desaparecida e, além disso, está tendo um caso amoroso com o Capitão América, que Jessica filma e identifica sua identidade secreta. No meio dessa investigação, sua cliente é morta e Jessica é levada à polícia para depor sobre o caso, ainda enfrentando o dilema se deve comentar ou entregar a fita com a gravação da identidade secreta do Capitão América, ou não.

Após paranoica investigação, Jessica descobre quem armou tal cilada para ela, um rico empresário com o objetivo de ferir a imagem do vingador e do presidente. Ao questionar porque ele planejou tal trama, o empresário afirma que o Capitão América, ao ter sua identidade secreta revelada, feriria a imagem do presidente, uma vez que possuem laços públicos e políticos. Além disso, o empresário menciona que a motivação para produzir tais danos é que o presidente deve favores a ele, além de esquecer quem o colocou em sua posição. O empresário ainda afirma que o presidente esqueceu quem o colocou em sua posição e que ele deve favores que ainda não foram retribuídos, conforme ilustra a Figura 14.

Figura 14 – Jessica Jones descobre práticas corruptas cometidas pelo presidente dos Estados Unidos



Fonte: Alias (2001).

O episódio foi tão bem planejado que, para Jessica tomar alguma atitude para punir o empresário corrupto, ela teria que entregar a fita às autoridades, algo que ela não está disposta a fazer devido à sua relação com os vingadores. Jessica não vende a fita e a entrega para Steve Rogers pessoalmente.

Este episódio relata que a corrupção é classificada como sistêmica no relatado caso, também sendo teorizada de acordo com a teoria da bola de neve, pois o empresário mostra sua disposição de continuar realizando negócios extraoficiais com futuros presidentes. Por fim, conforme será relatado mais detalhadamente na seção de representação político-social, pode-se afirmar que a corrupção produz efeito nocivo na sociedade, uma vez que a relação entre o governo e os heróis mascarados, os quais o empresário rejeita, produz crise de representação.

3.3.2. Natureza humana

Jessica Jones é uma personagem que apresenta muitos dos conflitos cotidianos de várias pessoas comuns, apesar de seu conturbado passado. Entre esses conflitos, está sua busca pela felicidade ou sobrevivência, o que é certo, o que é errado. Como mulher, ela é vista

como frágil por alguns, porém, seus superpoderes e sua personalidade escondem uma valente mulher que enfrenta desafios e dilemas do cotidiano de pessoas comuns. Em *Alias* (2001), após ser controlada pelo vilão Killgrave e quase matar a Feiticeira Escarlata, Jessica é atacada pelos Vingadores, que quase a matam. Após esse episódio, Jessica decide deixar a vida de super-heroína e esconder seus poderes, buscando apenas sobreviver na cidade de Nova Iorque como investigadora privada. Jessica usa seus poderes apenas quando se vê ameaçada de alguma forma, mas revela grande aversão à violência de todas as formas, assumindo uma visão da natureza humana com tom rousseauiano.

Por fim, os conflitos pontuais que são apresentados no enredo de *Alias* (2001) apontam para um estado de natureza com características hobbesianas, uma vez que as disputas presenciadas pela protagonista têm motivações de ganhos pessoais ou de afirmação de poderio.

3.3.3. Representação político-social

Em certos momentos, Jessica entra em bares ou lugares que têm televisores sintonizados em um debate presidencial que está ocorrendo no momento em que se passa a história. Nesse debate, há um republicano advogando pelo presidente que está no poder e um democrata que critica veementemente a postura do presidente em negociar e ouvir mutantes e vigilantes mascarados, segundo ele, detentores de questionável legitimidade. Enquanto o republicano argumenta que a estratégia do candidato democrata à presidência, Keaton, é falida e pobre, pois apenas visa atacar a postura de diálogo com os Vingadores e o Quarteto Fantástico, o democrata usa a opinião popular obtida por meio de pesquisa, afirmando que a população está farta dessa relação classificada por ele como duvidosa.

Ao avaliar tal debate, presume-se que o representante tem liberdade para agir em nome dos representados, mesmo que isso não reflita a opinião do eleitorado. Como mostra a desaprovação do público, segundo o político democrata, o presidente busca atender seus interesses e sua agenda privada, uma vez que ele mantém relações com entidades que a sociedade desaprova e possui envolvimento com práticas corruptas, conforme já comentado. Conforme o próprio debate destaca, a atuação dos heróis mascarados é fator externo que influencia as decisões e o mandato do representante. Além disso, percebe-se que o representante, no caso, o presidente, busca reeleição, porém, se desconhece sua plataforma

eleitoral original, portanto, é impossível concluir a respeito de sua atuação para tanto no que tange às suas propostas eleitorais que o levaram ao atual cargo.

Em termos de representação social, Jessica Jones, como mulher, espelha tal gênero em seu protagonismo. Percebe-se também sua empatia para com homossexuais, como é o caso da menina que salva em uma cidade próxima a Nova Iorque, bem como para com mutantes. De fato, Jessica mostra sua aversão a discursos de ódio como os que são proferidos pela igreja da cidade que visita para investigar o caso da menina desaparecida. Nesse episódio, Jessica discute com um padre na igreja sobre o seu discurso discriminador quanto a mutantes, afirmando que o padre está pregando ódio e que isso poderia ter levado ao sumiço ou até à morte da garota desaparecida. Ela reitera seu desprezo por preconceitos discriminatórios quanto a gênero, raça e opção sexual quando conversa com a repórter local da cidade, que lia uma correspondência fazendo uma analogia entre os negros nos anos 1960 e os mutantes hoje em dia, conforme ilustra a Figura 15.

Figura 15 – Jessica Jones questiona o preconceito disseminado contra mutantes



Fonte: Alias (2001).

Jessica mostra diversas opiniões durante a história que apontam para sua visão sobre direitos, acreditando que raça, gênero e opção sexual não são elementos que definem o caráter

dos seres humanos, refutando veementemente estereótipos de gays, negros, mulheres e outras categorias que sofrem preconceito recorrentemente na sociedade. Não à toa, Jessica se apaixona por Luke Cage, negro e mutante. Apesar de não ser claro se essas classes gozam de menos direitos, é certo que há preconceito contra elas.

3.3.4. Percepção sobre o Estado

A organização social apresentada em *Alias* (2001) foca bastante a busca de atores por poder, imposição de sua imagem, abuso de suas prerrogativas e cenários de conflito, havendo vários episódios que relatam crimes. Nesse sentido, apesar de a história se passar em Nova Iorque, Estados Unidos, o foco da representação da organização político-social na história de Jessica Jones corrobora com ideais de Hobbes de pacto social. Ressalta-se que a personagem não emite claras opiniões sobre sua visão de qual seria o Estado ideal, porém, ela está inserida em um Estado com características do pacto social de Hobbes.

O Estado representado em *Jessica Jones* usa de mecanismos de seletividade para se manter. Esta afirmação é facilmente corroborada pelo episódio no qual Jessica investiga a irmã de uma cliente, sendo esta última morta logo após Jessica descobrir sobre o paradeiro de sua irmã. Levada para depor, Jessica sofre pressão psicológica do detetive que a interroga, até quando Matt Murdock chega e questiona se o policial está acusando sua cliente de algum crime. Isto mostra que a polícia abusa de suas prerrogativas para manter a lei e ordem, ou para obter informações que sejam úteis a seus interesses, o que também caracteriza o uso da hegemonia.

Cabe dizer que Jessica não representa nenhum símbolo para a sociedade como um todo em *Alias* (2001), posto que a personagem não seguiu a tradicional carreira de herói como seus colegas Vingadores ou o Quarteto Fantástico. Todavia, para o leitor e para as personagens com quem ela interage, Jessica apresenta fortes críticas a pensamentos conservadores no âmbito de igualdade de gênero, raça e até opção sexual. A personagem contesta veementemente pensamentos tradicionais da sociedade estadunidense e busca quebrar paradigmas no que tange à moralidade de seu país e preconceitos. Estes fatos reiteram o caráter cotidiano da personagem, aproximando-a da realidade de pessoas ordinárias e suas rotinas, além de inovador, por ser uma protagonista que foge do tradicional enredo de histórias de super-heróis.

3.4. Demolidor

Matt Murdorck é filho de Jack Murdock, famoso lutador do bairro de Hell's Kitchen na cidade de Nova Iorque. Matt é um menino comportado e, incentivado pelo pai, sempre estuda para garantir um futuro diferente daquele que seu pai teve. Para colocar comida na mesa e dar condições a si mesmo e ao seu filho, Jack aceita contratos de um fixador, como é usado o termo em inglês para pessoas que fazem arranjos de natureza ilícita, como assaltos, assassinatos, tráfico de drogas e outros. Jack, por seu porte físico e habilidade de lutador, aceita tarefas que o fixador lhe passa relativas a cobrar dívidas de clientes coercitivamente e de maneira ameaçadora. Matt reconhece os esforços que seu pai faz para prover comida e educação para ele, sempre tentando animá-lo e entendê-lo.

O menino, porém, também se inspira com o pai, querendo ser lutador e bater nos valentões que o perturbam na escola. Em *O Homem sem Medo* (1993), com muito orgulho, o menino conta para o pai que deu uma surra em um dos valentões que implicavam com ele, porém, o pai reage mal a tal notícia, dando um soco no filho, o que muda sua percepção de valores como o que é certo e errado. Certo dia, Matt vê um senhor cego prestes a ser atropelado por um caminhão, imediatamente lançando-se sobre o senhor para salvar sua vida. Apesar de nenhum de os dois terem sido atropelados, a carga radioativa do caminhão cai perto do menino, deixando-o cego. Visitando seu lugar favorito, o ginásio onde seu pai treinava, Matt conhece *Stick*, um senhor cego que reconheceu os dons do menino após seu acidente e o ensina a usar seus sentidos para lutar. Matt se empenha bastante no treinamento, até o episódio da morte de seu pai é morto pelo fixador, após desobedecer a sua ordem de perder uma luta propositalmente para que ele ganhe apostas. Abandonado, seu filho busca vingança usando das habilidades ensinadas pelo velho *Stick*, desapontando-o por ter dado um fim nada honrado ao treinamento e disciplina ensinados ao jovem.

Matt, em *O Homem sem Medo* (1993), decide então estudar Direito em Harvard, sendo um aluno exemplar e tomado de novos valores após a tragédia ocorrida com seu pai e o episódio no qual não conseguiu controlar sua raiva e matou o fixador e seus algozes. Já graduado, Matt é forçado a retornar à Nova Iorque por razões de trabalho e se vê novamente em casa, onde reencontra seu colega de faculdade, Foggy. Matt conhece Mickey, uma garota que busca refúgio no ginásio onde costumava treinar quando era criança e começam a praticar juntos. O grande rei do crime de Nova Iorque é morto pelo vilão *Kingpin*, que se torna o novo Rei no Crime (nome do famoso vilão que aparece em histórias do Demolidor e do Homem-

Aranha). Com a cidade tomada por craque, drogas, prostituição (até infantil) e crime, Matt se vê obrigado a ficar na cidade, lutando contra o crime como advogado durante o dia, e como o Demolidor durante a noite.

3.4.1. Corrupção

Inicialmente, percebem-se alguns elementos que apontam para uma relação nociva entre a esfera pública e privada, principalmente no que tange a temidas gangues na cidade de Nova Iorque. Don Rigoletto comanda uma das maiores gangues de Nova Iorque e, em uma conferência com os outros líderes, é morto por Wilson Fisk, que se torna o famoso vilão Rei do Crime. Quando Fisk assume a liderança das gangues do submundo da cidade, barreiras morais e legais são quebradas, pois Don Rigoletto, apesar de ser criminoso, era contra a venda do craque, morte de crianças e prostituição infantil, entre outros crimes extremamente danosos à sociedade. As estratégias de Fisk rapidamente redesenham o submundo da cidade para obter maior lucro, levando incontáveis vidas à miséria ou ao fim por sua ganância.

O fator que aqui consolida a corrupção como sistêmica é o fato de o Rei do Crime pagar propinas mensais aos policiais, justamente aqueles que deveriam combater todos os efeitos negativos que seus negócios ilícitos estão produzindo na sociedade. Dessa maneira, a relação promíscua entre agentes públicos que são os policiais aceitando a propina de Wilson Fisk consoma a corrupção sistêmica, com a interessante observação que esta partiu do setor privado, e não do Estado. Nesse quadro, a necessidade do vilão de manter seu controle sobre setores da sociedade e do governo resulta na classificação da corrupção conforme a teoria da bola de neve. A Figura 16 ilustra a preocupação do Rei do Crime em controlar os policiais.

Figura 16 – Rei do Crime comenta o pagamento de propina a policiais



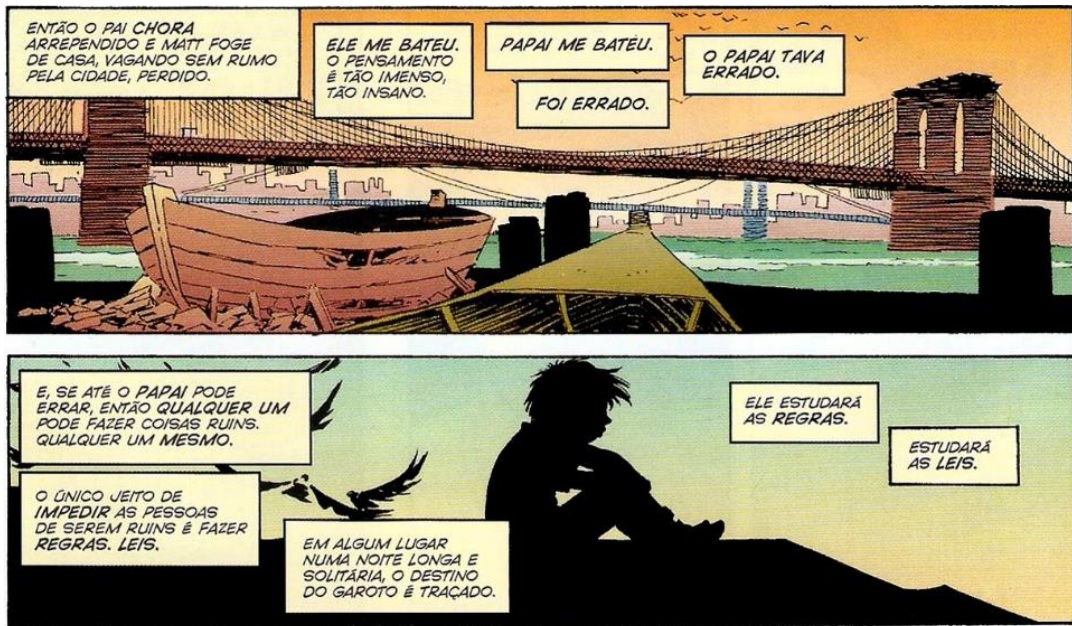
Fonte: Demolidor – O Homem sem Medo (1993).

3.4.2. Natureza humana

A natureza humana é um elemento presente em O Homem sem Medo (1993). Ainda como garoto, Matt Murdock apanha do seu pai, sabendo que isso é algo errado a se fazer, perdendo sua fé na sociedade e admitindo a necessidade de leis para manter as ações dos homens sob controle para que a convivência seja possível, já explicitando sua visão de natureza humana como hobbesiana.

Apesar de este ser o evento principal que consolida sua opinião sobre a natureza humana, ele é crucial para os eventos que ocorrem durante sua formação como o Demolidor. Matt Murdock busca vingança contra a morte de seu pai e combate criminosos, porém, ele o faz em nome da lei. Ainda jovem, como acima comentado, mata os algozes de seu pai, porém, assassinando uma inocente no processo, episódio que o marca para o resto de sua carreira e vida. Nesse sentido, Matt constantemente se lembra do corpo da prostituta que foi arremessada pela janela e morta na sua perseguição pelo ultimo assassino de seu pai. Quando mais velho, ainda se vê culpado pelo acidente, porém, usou tal episódio para amadurecer e criar limites para si. Em O Homem sem Medo (1993), Matt é pego pela policia seguindo a garota Elektra, Matt sabe que fugir seria contra a lei, portanto, se deixa ser levado. A Figura 17 ilustra o momento que marca a o futuro de Matt como advogado.

Figura 17 – Matt Murdock definindo seu futuro



Fonte: Demolidor – O Homem sem Medo (1993).

Esse episódio repete-se quando Matt já é adulto e está atrás da garota Mickey, com quem treinava no velho ginásio enquanto estava em Nova Iorque. Um dos empregados do Rei do Crime é ordenado a capturar uma garota de até doze anos para uma de suas atividades ilícitas, sendo Mickey a vítima desse infeliz pedido. Matt, apesar de ser preso em flagrante em sua busca pela garota, foge do carro da polícia, pois sabia que Mickey seria morta por seu sequestrador. Matt finalmente acha a garota, que está sob a guarda do braço direito do Rei do Crime, Larks, seu guarda-costas pessoal. Larks, com o revolver tocando a cabeça da garota, ameaça matá-la se Matt não o deixasse fugir. Matt fala diversas vezes que não quer ter de matá-lo. Larks, subestimando Matt, atira várias vezes contra o vigilante, que devolve um de seus tiros contra sua cabeça, salvando a garota.

Apesar de o Estado de Direito existir, assim como as leis, percebe-se que o império corrupto do Rei do Crime gerou um tipo diferente de sociedade, criando episódios que podem ser percebidos como estado de natureza de Hobbes, uma vez que todas as disputas ou cenários nos quais o conflito ocorre estão relacionados a manter a supremacia de um ou outro grupo criminoso. Todavia, cabe destacar a peculiaridade que os conflitos ocorrem também como disputa por território e influência, revelando características que ainda condizem com o estado de natureza de Locke.

3.4.3. Representação político-social

Em *O Homem sem Medo* (1993), não há elementos suficientes para concluir sobre representantes e seus mandatos. Matt Murdock, porém, representa uma classe social geralmente excluída da sociedade, pouco usada em papéis de protagonismos: os deficientes. Matt fica cego ao salvar um senhor de um atropelamento, pois o material que o caminhão carregava e foi jogado no rosto do menino era radioativo. Não obstante, o menino conhece *Stick*, que começa a treiná-lo para usar seus outros sentidos a seu favor e conhecer o mundo por meio de uma nova perspectiva. Matt também treina suas habilidades de luta, mostrando impressionante progresso tanto na luta quanto na escola, conforme ilustra a Figura 18.

Figura 18 – Matt Murdock começa seu treinamento



Fonte: Demolidor – O Homem sem Medo (1993).

No que tange à sociedade de forma geral, esta é corrupta e dominada pelos mafiosos, sob o líder Rei do Crime. Não há informações claras sobre o setor público. Dessa esfera, há

apenas os policiais como personagens na história. Porém, há predominância de uma elite branca que forma o setor privado criminoso que domina a cidade de Nova Iorque.

3.4.4. Percepção sobre o Estado

Como já antecipado, há claros elementos na história que apontam para uma organização social que possui traços característicos do pacto social de Hobbes. O Estado na história apresenta estas características e o protagonista entende a necessidade para tanto, porém, por ver que a atuação do Estado não é efetiva devido à corrupção e outros fatores, Matt atua sozinho para manter a ordem e proteger os inocentes. A maioria das personagens criminosas mostra uma grande necessidade de mostrar seu poder e vigor, inclusive ameaçando seus empregados de menor escalão (como é o caso do pai de Matt) de morte, morte de sua família ou até mesmo de não pagar o dinheiro que necessitam para sobrevivência. A Figura 19 relata um desses episódios.

Figura 19 – Jack Murdock é ameaçado pelo fixador



Fonte: Demolidor – O Homem sem Medo (1993).

No aspecto de manutenção do estado capitalista, numa história que se passa claramente em Nova Iorque, nos Estados Unidos, há elementos que apontam para o uso da hegemonia por parte do governo para sua manutenção. Matt, quando ainda criança, brincava com seus amigos que estouraram um hidrante quando são abordados por um policial que lhes dá uma bronca, afirmando que estão infringindo a lei e danificando patrimônio público. O tom

usado pelo policial, conforme ilustra a Figura 20, mostra que o Estado possui e faz uso de suas prerrogativas para aplicar a lei devidamente.

Figura 20 – O policial Liebowitz dá uma bronca nas crianças que quebraram o hidrante



Fonte: Demolidor – O Homem sem Medo (1993).

Além disso, essa história introdutória do Demolidor mostra a criação de seu símbolo, carregado de valores que Matt Murdock aprendeu quase sempre do pior jeito. Matt decide atuar legalmente, como advogado, mas usa sua identidade secreta para aplicá-las. Nesse sentido, ainda é incerta a percepção do governo e da sociedade no Demolidor, uma vez que o protagonista ainda não fez nenhuma aparição pública de impacto. Todavia, o Rei do Crime esclarece sua opinião sobre o vigilante ao final de *O Homem sem Medo* (1993), afirmando que ele é uma face da justiça, lutando a favor da lei e dos inocentes, o que pode ferir seus negócios e poderio.

O próximo capítulo, intitulado HQs da *DC Comics*, será dedicado a realizar a análise das histórias selecionadas para esta editora.

4. HQS DA DC COMICS

Assim como feito anteriormente, o presente capítulo é composto pela breve análise de cada um dos enredos utilizados para os heróis selecionados, que são o Batman, o Super Homem, o Flash e V de Vingança. Após essa análise no início dos subitens deste capítulo, serão feitas as análises específicas quanto à Corrupção, Natureza humana, Representação político-social e Percepção sobre o Estado.

4.1. Batman: o Cavaleiro das Trevas

Conforme já exposto, o universo dos quadrinhos é deveras complexo e cada herói conta com histórias escritas por diversos autores e ilustradores em épocas diferentes. Todavia, podem-se usar as histórias que basearam a trilogia do diretor Christopher Nolan ao dirigir os três filmes mais recentes do homem-morcego. Apesar de não possuírem ligação direta tanto em cronologia quanto em enredo, as histórias abordadas, quando lidas em sequência, mostram semelhanças em seu universo, também sendo possível perceber clara evolução do herói Batman, seus parceiros como o Robin e o Comissário James Gordon, bem como de seus vilões.

A história inicial é “Batman – Ano Um”, que narra o surgimento do morcego. Bruce Wayne é filho de Martha e Thomas Wayne, donos da Wayne *Enterprise*, companhia bilionária que investe em Gotham, a cidade na qual se passam os acontecimentos. Quando pequeno, Bruce presencia seus pais serem assassinados ao saírem de um espetáculo. Este trauma marca a vida do jovem Bruce, que dedica sua vida a treinar artes marciais durante treze anos fora dos Estados Unidos. Com 25 anos, Bruce retorna a Gotham para combater o crime em sua cidade. Para tanto, deve manter uma jornada de galã e *playboy* milionário, agindo como vigilante entre a meia noite e as quatro da manhã. Em sua primeira tentativa de combate ao crime, Bruce acaba quase morto e, ao retornar para sua mansão, vê a necessidade de usar o medo ao seu favor enquanto agir como vigilante. Tal epifania surge em um momento de reflexão, quando Bruce se encontra gravemente ferido, dialogando com seu pai em seus pensamentos, e, de repente, um morcego quebra a janela e o jovem se recorda de seu medo de infância o que usa de inspiração para criar o homem-morcego. Durante suas jornadas noturnas, o morcego aprende e melhora suas habilidades como vigilante, vendo que a mídia e o governo consideram seus empreendimentos como criminosos. Ao mesmo tempo em que a

história de Bruce Wayne é narrada, conta-se também a história do tenente recém-chegado à Gotham, James Gordon, com sua esposa grávida, Barbara.

James Gordon está em dilema por necessitar de seu emprego para sustentar sua esposa e seu filho que está prestes a nascer, porém, vê a pobreza, a criminalidade e aspectos negativos de Gotham, culpando-se por trazer sua mulher e uma criança a um mundo nessas condições. Ao passo em que James (Jim) adquire prestígio da mídia por prender vários criminosos extremamente perigosos, o tenente faz vários inimigos dentro da polícia, inclusive seu próprio parceiro, Flass, uma vez que todos mantêm relações com os criminosos para obter lucro e agir em nome dos próprios interesses. Como Gordon é um policial que age em nome da lei, por várias vezes sofre ataques e tentativas de assassinato articulados por seu chefe, o Comissário Loeb e seu parceiro, Flass. Inicialmente, Gordon vê no Batman uma figura criminosa e empreende grandes esforços para prendê-lo. Inclusive, suspeita que a identidade secreta do vigilante é a de Bruce Wayne, porém, não consegue provas suficientes para provar sua tese. Nesse sentido, no final da história, Gordon muda sua perspectiva sobre as ações do vigilante ao testemunhá-lo salvar uma senhora de um atropelamento e um gato que seria atingido por tiros de policiais que o caçavam. Nesse momento, se estabelece uma relação que se desenvolverá profundamente nas diversas histórias do Batman.

Em seguida, a primeira história que baseia o segundo filme do morcego é “A Piada Mortal”, história na qual o vigilante já tem relação de cooperação estabelecida com o agora comissário Jim Gordon, além de ser considerado um herói por muitos em Gotham. Neste enredo, narra-se como o Coringa, um dos mais terríveis vilões de Batman, formou sua identidade. O Coringa foge do asilo Arkham e Batman começa a procurá-lo para mais uma vez prendê-lo. Enquanto isso, o vilão visita James Gordon, atira em sua filha, deixando-a paraplégica, e capturando o comissário na tentativa de deixá-lo louco. O homem-morcego finalmente encontra o Coringa, resgata o comissário Gordon, e confronta o Coringa, capturando-o novamente.

História que também baseia o filme “Batman – Cavaleiro das Trevas” é “O Longo Dia das Bruxas”, que conta a história do promotor de justiça Harvey Dent e como se tornou o vilão duas-caras. Batman, James Gordon e Harvey Dent usam-se para prender os chefes mafiosos de Gotham, “Roman” Falcone e Sal “The Boss” Maroni. No meio dessa aliança, um assassino que os jornais denominaram “Feriado” ataca, deixando uma vítima a cada feriado, que começou no dia das bruxas, e originou ao nome da história. Durante um ano, o trio tenta prender os mafiosos, sem sucesso, em meio aos ataques de Feriado, que sempre tem como

alvo membros da família Falcone. Harvey Dent mostra vários desvios de conduta, inclinándose a realizar atos imorais e até ilegais para prender os mafiosos. As ações do criminoso Feriado interferiram diretamente nos negócios e na família de Falcone, que ajuda outros criminosos como o Espantalho e o Chapeleiro Maluco a escaparem do asilo Arkham, com o objetivo de capturar o vilão.

Quando finalmente Maroni se entrega a polícia para delatar Falcone, Harvey Dent sofre incidente durante seu julgamento: Maroni joga ácido em sua face, causando severas queimaduras e ferimentos que o deixaram com cicatrizes. No hospital, Dent acorda, apunhala um dos médicos que o atendia e foge, assumindo sua identidade de “Duas-caras”. Dent, com sua nova personalidade, vai atrás dos criminosos e das outras pessoas que implicaram algum tipo de dano a ele durante sua carreira, buscando vingança, porém, considerando-a justiça.

Por fim, o quadrinho que inspira o último filme da brilhante trilogia de Christopher Nolan é *A Queda do Morcego* (1993). A história narra a criação de Bane, um dos mais temidos vilões das histórias do Batman que vai a Gotham para estudá-lo e derrotá-lo. Bane e seus capangas seguem o Batman para entender sua atuação, porque é tão famoso e temido na cidade. Após se encontrar com o vigilante e perceber que o morcego não mata os criminosos, agindo apenas para detê-los e salvar inocentes, Bane libera todos os seus arqui-inimigos presos no Asilo Arkham, além de armá-los, liberando caos e terror em Gotham. Mesmo com sua saúde em um péssimo estado, Batman começa sua caçada aos seus piores e mais terríveis inimigos para salvar a cidade, mesmo que isso lhe custe sua vida.

4.1.1. Corrupção

A corrupção é tema evidente em *Batman – Ano Um* (1987). O recém-chegado à cidade de Gotham, tenente James Gordon, encontra-se cercados de bandidos, mafiosos e uma polícia corrupta. O comissário Loeb designa Flass como seu parceiro para observar Jim, uma vez que o tenente tem forte histórico de cumprimento da lei e apresenta resultados concretos. Loeb e Flass fazem diversos esforços para incluir Gordon em seus esquemas de corrupção, oferecendo propinas. Gordon, todavia, é homem com carreira extensa e fortes princípios de justiça, sendo ávido defensor da lei. Por esse motivo, Gordon conquista uma visão positiva na mídia ao agir prendendo vários criminosos de baixo e alto escalão, o que leva Loeb a comandar Flass a, primeiramente, espancá-lo e, posteriormente, tentar matá-lo. Jim escapa com vida da emboscada que sofre de seus colegas mascarados para espancá-lo. Na ocasião,

Gordon, reconhecendo a voz de Flass entre os agressores, o segue depois de cair na armadilha, retaliando a agressão com sucesso, com uso de seu treinamento militar. Gordon deixa um recado claro de que é capaz de se defender até mesmo de policiais corruptos das mais variadas patentes. A tentativa de seu assassinato – e também de sua mulher e seu filho – ocorre após o tenente prender um criminoso aliado do comissário Loeb e de Flass, que mantinham relações corruptas com o traficante de alto escalão para obter lucro. Apesar de Gordon tê-lo prendido, ele consegue escapar, mas Batman usa suas habilidades para aterrorizar o criminoso, a ponto de voluntariamente se entregar e aceitar uma proposta de delação premiada (“*plea bargain*”, procedimento jurídico amplamente utilizado nos EUA para diminuir a pena do réu e expandir a investigação). Tal ação do vigilante incomodou Loeb profundamente, a ponto de encomendar o assassinato de Gordon.

Figura 21 – Flass contando que ofereceu propina a Gordon



Fonte: Batman – Ano Um (1987).

Há também uma intervenção do vigilante em uma reunião do prefeito de Gotham, Loeb e Falcone, sendo este último um mafioso líder de vários negócios criminosos que alimentam sua conta bancária e contaminam as instituições da cidade que deveriam lutar contra ele. No jantar, Falcone mostra-se preocupado com eleições e afirma que as ações do vigilante estavam afetando seu negócio, custando-lhe dinheiro. Dessa maneira, fica evidente

que até a perseguição policial ao homem-morcego se dá por cumprimento de interesses pessoais, e não por vê-lo como um vigilante fora da lei. Percebe-se nesses casos evidente uso de prestígio e recursos públicos para benefício próprio, havendo confusão entre esfera privada e pública pelo alto e baixo escalão da polícia e governo. Não só os agentes da instituição usam sua posição de prestígio para obter dinheiro, como também sabem que a obtenção deste dinheiro é ilícita em dois pontos: primeiro, a corrupção propriamente dita, ao usar seus recursos como funcionário público para obter benefícios privados por meio de instituições criminosas ou com empresários (Falcone), evidenciando uma corrupção de caráter sistêmico; e outro, ao obter esses benefícios também se fere a sociedade ao colaborar com criminosos para que sejam vendidas drogas e, também, aumenta violência criminal. Pode-se perceber, portanto, que há claro impacto negativo na sociedade proveniente das práticas corruptas por parte da polícia de Gotham. Por fim, há indícios que apontam para a prática da corrupção conforme preconiza a teoria da Bola de neve.

Mais adiante, em *O Longo Dia das Bruxas* (1996), há indícios de confusão entre os universos público e privado. Em uma cidade controlada por dois perigosos mafiosos, Roman Falcone e Sal *The Boss* Maroni, mostram-se diversos casos em que as cortes e sistemas de justiça são facilmente manipulados por meio de propina ou ameaças. Inclusive, essa é uma das razões pela qual o promotor de justiça Harvey Dent é tentado a realizar a justiça com as próprias mãos e admira o Batman, por ele poder cruzar linhas que os policiais e agentes da justiça não podem. Dent afirma que possui vários casos abertos envolvendo assassinatos, sequestros e roubos que têm relação com Falcone. Ele, porém, compra os votos de cortes, suborna policiais e compra o silêncio de testemunhas por meio de ameaças ou dinheiro, mantendo tanto suas famílias quanto seus negócios longe de punições pelos crimes e ilegalidades relacionados a suas atividades.

Além disso, quando a personagem Feriado começa a ferir os negócios dos mafiosos, estes buscam a ajuda de criminosos perigosos presos no asilo Arkham, planejando sua fuga e recrutando-os para ajudá-lo na busca pelo Feriado. Estes ocorridos reforçam a corrupção sistêmica e os impactos negativos na sociedade que já foram evidenciados anteriormente, em *Batman - Ano Um* (1987). Todavia, agora se pode concluir que a corrupção segue a preconizada teoria da bola de neve, uma vez que os mafiosos tem interesse em proteger seus negócios e os funcionários do sistema de justiça procuram obter seus lucros por meio de propina ou manter sua integridade.

4.1.2. Natureza humana

Batman (em “Ano Um”, 1987), por diversas vezes, encontra-se em situações complicadas que podem lhe custar a vida. Ainda assim, o morcego recusa-se a matar e muitas vezes se fere gravemente para salvar a vida de terceiros. Antes de vestir o manto do morcego, Bruce Wayne encontra-se em apuros fugindo da polícia, que o pega em flagrante em uma briga com um “cafetão”. A polícia, na tentativa de capturar ambos, segue Wayne em perseguição de carro, que acaba em uma batida séria, com o carro da polícia capotado. Mesmo baleado, ele resgata os policiais no carro, pensando que eles deveriam ter família e não fizeram nada de errado, portanto, deveria salvá-los.

Já vestindo o manto, Batman depara-se com três adolescentes roubando uma televisão. Ainda despreparado para lidar com essas situações, um dos jovens quase cai da escada de incêndio e Bruce se vê obrigado a lutar com os outros dois, enquanto segura o jovem para não cair. Mesmo sofrendo vários golpes sérios, Batman consegue parar os jovens e salvar o garoto inconsciente. O herói se conserva neste espírito ao longo de todas as suas histórias – acreditando que os humanos, bons os maus, foram corrompidos pela sociedade e pelo contexto em que estão inseridos.

Mesmo os que cometem erros graves podem se mostrar dignos de perdão. Além disso, o herói acredita que a única coisa que diferencia suas ações daquelas dos criminosos é o fato de que ele não tira vidas, apenas atua em prol da justiça, portanto, encontra-se carregando um pesado fardo por diversas vezes. Com os elementos aqui pontuados, é seguro dizer que o Batman compactua claramente com ideais rousseauianos de natureza humana.

Figura 22 – Bruce Wayne salva os policiais de um carro prestes a explodir



Fonte: Batman – Ano Um (1987).

O herói reitera esses princípios em “A Piada Mortal” (1993), ao tentar argumentar com o Coringa que é possível que ele se cure de sua doença e mude sua visão de si mesmo e da sociedade, mesmo sem sucesso, conforme mostra a Figura 23.

Figura 23 – Batman tenta convencer o Coringa a se reabilitar



Fonte: Batman – A Piada Mortal (1988).

Tanto em *O Longo Dia das Bruxas* (1996) quanto em *A Queda do Morcego* (1993), Batman mostra seus princípios rousseauianos em suas aventuras noturnas para deter vilões e criminosos e proteger inocentes, nunca matando ou ferindo-os além do necessário para sua defesa. Todavia, o vigilante usa de terror e medo por meio de sua aparência e técnicas de combate para obter as informações que precisa para continuar sua busca. Independentemente do propósito do uso dessas técnicas, tal fato também revela uma face hobbesiana da personagem, posto que faz uso de demonstrações de força ou supremacia para atingir seus objetivos ou consolidar sua imagem como superior, ainda que agindo em nome da justiça

James Gordon também segue princípios da natureza humana rousseauiana, desde “*Batman – Ano Um*” (1987), o tenente se limita ao mínimo de dano possível, causando-o apenas quando é necessário se defender (como no caso em que Flass o atacou ou quando salvou crianças de um fugitivo de Arkham que mantinha crianças como reféns). Em “*A Piada Mortal*” (1996), o agora comissário Gordon sofre difíceis situações, testemunhando sua filha ser baleada e ficar paraplégica. Além disso, o Coringa mostra fotos de Barbara sem roupas e ferida, para atormentar Gordon enquanto o mantém em capturado para atrair o Batman. Gordon e Batman veem esta situação como uma tentativa do Coringa de corrompê-los, porém, eles acreditam na natureza boa do homem e resistem às tentativas do vilão de mudá-los. Esses ideais estão ligados às teorias que defende Rousseau sobre a natureza humana, também no que tange a poupar vidas e evitar violência e danos na medida do possível.

A história de como um jovem comediante tentava sustentar sua futura família se tornou o Coringa mostra justamente este momento de corrupção da natureza do homem. O Coringa, na tentativa de sustentar sua esposa grávida, aceita participar de um crime como o vilão capuz vermelho, após uma série de fracassos ao tentar conseguir empregos. No dia que o assalto ocorreria, a mulher do Coringa morre, conseqüentemente, tendo seu filho morto. Ainda assim, o assalto acontece, porém, a segurança do local havia sido reforçada, flagrando os criminosos que batem em fuga. O Coringa cai em um rio de despejo de elementos químicos e tóxicos, deixando seu rosto branco e ficando insano, assim assumindo a personalidade de vilão. Ele afirma para Batman que a única coisa que o separa da sociedade é “um dia ruim”, fazendo referência ao dia da morte de sua esposa. Foi este o dia que sua “razão cessou” e ele se corrompeu ao extremo.

Em *A Queda do Morcego* (1993), percebe-se que o cenário caótico criado pela fuga dos mais perigosos criminosos de Gotham caracteriza um estado de natureza hobbesiano.

4.1.3. Representação político-social

Em “Batman – Ano Um” (1987) e “A Piada Mortal” (1996), não há elementos suficientes para apontar sobre o cumprimento ou desvio da plataforma eleitoral dos representantes, todavia, há indícios de que os governantes do universo de Batman têm liberdade para atuar, pois eles foram eleitos para tanto. Há interesse por parte dos governantes de se manter no poder, usando de seus recursos políticos e financeiros para tanto.

Em O Longo Dia das Bruxas (1996), há elementos externos e internos à política que influenciam o comportamento dos dirigentes da polícia e da cidade de Gotham, como os a atuação do morcego e os negócios criminosos dos mafiosos de Gotham, Maroni e Falcone.

Já em A Queda do Morcego (1993), percebe-se que o recentemente eleito prefeito Krol se elegeu com uma plataforma baseada em lei e ordem, afirmando que não irá abandonar tais princípios mesmo na situação dos vários fugitivos do asilo Arkham. Todavia, em nenhuma das histórias, é possível concluir sobre a reeleição. A Figura 24 ilustra o prefeito Krol conversando com o Comissário Jim Gordon.

Figura 24 – Krol dá ordens ao comissário Gordon



Fonte: A Queda do Morcego (1993).

Do ponto de vista de discriminação, percebe-se em Batman – Ano um (1987) que há certas classes sociais que são menos privilegiadas e, por isso, envolvem-se em crimes para obter maiores lucros. Além disso, há uma passagem na qual Flass para o carro com Gordon,

desce e espanca um jovem negro que estava no meio de outros jovens brancos debaixo de uma ponte, notadamente pobres, revelando preconceito com a etnia negra, conforme ilustra a Figura 25.

Figura 25 – Flass bate no menino negro sem motivos



Fonte: Batman – Ano Um (1987).

Os criminosos que Batman enfrenta em sua primeira atuação com o manto são três jovens – um negro e dois pardos, mostrando novamente a marginalização dessa etnia. Em “A Piada Mortal” (1996), apesar de não haver muitos elementos da sociedade como um todo, retrata-se o descuido, desprezo e discriminação que classes mais pobres sofrem, durante o relato de como o Coringa adquiriu sua personalidade.

Em A Queda do Morcego (1993), percebe-se preconceito por parte da sociedade quanto aos criminosos abrigados no asilo Arkham, recentemente soltos em ataque ao complexo liderado por Bane. Este ponto é motivo de grandes controvérsias durante a história, pois a sociedade e a mídia estão apavorados, por causa do ataque de liberou os doentes mentais do asilo, bem como por eles estarem armados. Todavia, o Dr. Simpson defende a causa dos doentes mentais, afirmando que necessitam de apoio e que eles estão em mais perigo por causa da sociedade, do que a sociedade está em perigo por causa deles.

Já Bruce Wayne, jovem milionário e empresário, herdou uma fortuna de seus pais, que morreram logo quando era jovem. Apesar de seu caráter excêntrico e de representar uma parcela mínima da população (branco, rico e heterossexual), sua verdadeira personalidade é

aquela que ele assume ao vestir o manto do Batman. Wayne usa sua identidade pública para combater a corrupção e criminalidade de sua cidade durante o dia como um jovem empresário, mantendo um caráter arrogante e comportamentos dos denominados *playboys* (gastando milhares de dólares em almoços, hotéis e futilidades). Todavia, esse é apenas um disfarce para afastar suspeitas de sua verdadeira essência, o Batman, que combate o crime nas ruas durante a noite, defendendo os inocentes e colocando criminosos na cadeia – não só os comuns (ladrões, assassinos etc.), como também aqueles ligados à corrupção na esfera pública e privada.

4.1.4. Percepção sobre o Estado

Primeiramente, o foco de Batman – Ano Um (1987) no que se refere às instituições governamentais está na polícia, principalmente por uma das principais personagens ser o tenente James Gordon. Percebe-se a atuação da polícia para aplicar a lei conforme devido, mas também se relatam abusos de poder, como é o caso de Flass. As histórias subsequentes mostram vilões e mafiosos em busca de poder e riquezas, necessitando que a lei seja aplicada para combatê-los. Como eles são muito poderosos e possuem segurança reforçada, bem como contatos dentro do governo, é difícil fazer com que a lei se aplique a eles, necessitando de auxílio do morcego vigilante. Nesse sentido, as características da estrutura e organização estatal apontam para um pacto social característico de Hobbes, uma vez que, mesmo sob a tutela do Estado, os criminosos e até policiais buscam poder e supremacia. Ressalta-se que este é o contexto no qual o herói está inserido e que, apesar de um Leviatã poderoso existir para aplicar a lei, os aspectos de corrupção já destacados tornam esta execução de normas não efetiva. Já o herói apresenta indícios que correspondem com o pacto social de Rousseau, dizendo respeito à defesa dos inocentes e igualdade de direitos e deveres.

Como se pode notar em Batman – Ano Um (1987) e em A Queda do Morcego (1993), a mídia é um ator importante para propagar ideias que direcionam a opinião do público para favorável ou contrária a certos tópicos, como a atuação do morcego, os prisioneiros liberados do asilo ou, ainda, a atuação da James Gordon. Não é claro, todavia, se as ideias e discussões influenciadas pela mídia são favoráveis ao interesse do Estado capitalista e sua manutenção, portanto, não é prudente tirar conclusões quanto a isso. Já a polícia e os políticos em Gotham, antes de A Queda do Morcego (1993), mostram-se dispostos e de fato usam seus cargos e prerrogativas para selecionar políticas ou ações que mais lhes convêm. Observa-se, portanto,

uso dos mecanismos de seletividade para promover ou executar políticas ou medidas de preferência dos agentes estatais que possuem prerrogativas para tanto.

No campo do símbolo constituído pelo herói, é produzida significativa reflexão. Em um primeiro momento, na edição que narra o surgimento de Bruce Wayne como o Batman, ele é visto tanto pela sociedade quanto pelo Estado como um vigilante, no sentido negativo, tendo como principal característica o uso do medo ou do terror. Muitas pessoas que foram salvas ou alvos de ataques do herói narram que o Batman é, literalmente, um homem-morcego, com habilidades e características inumanas. Alguns creem que o Batman é uma criatura, não um humano ou vigilante. Bruce usa o morcego como símbolo de medo e terror para criar um impacto psicológico paralisante e chocante em seus alvos, além de agir de noite, usando a escuridão ao seu favor. Essa ideia vem justamente de um morcego que entra em sua casa, quebrando sua janela, quando Bruce tenta agir sozinho, ainda sem o manto, e quase acaba morto.

Nas histórias subsequentes como *A Piada Mortal* (1988), *O Longo Dia das Bruxas* (1996) e *A Queda do Morcego* (1993), o então vigilante torna-se símbolo de esperança, segurança e justiça, conforme já preconiza a última cena de *Ano Um* (1987). O herói trabalha junto com James Gordon, mantendo diversos criminosos na cadeia e colaborando com a polícia para combater o crime comum e aqueles que têm ligação com as esferas pública e privada.

4.2. Superman

Clark Kent, em *Origem Secreta* (2009) é um menino que cresce na pequena vila de Smallville em Kansas, nos Estados Unidos. Ao longo de sua vida, Kent descobre que possui algumas habilidades incomuns entre os humanos. Ainda quando criança, seus pais revelam que Kent veio do espaço e caiu no jardim deles, revelando a ele a espaçonave que o trouxe. A espaçonave carregava uma mensagem de seus pais, Jor-El e Lara, que se dirigiam ao menino como Kal-El, seu verdadeiro nome em sua terra natal, o extinto planeta Krypton. Os pais de Kal-El contam que seu planeta natal foi vítima de várias ações de seu povo que desafiavam a natureza, o que gerou a morte do planeta, e que eles enviaram o menino para a Terra antes de morrerem. Kent demora a aceitar a verdade, mas decide usar seus poderes para fazer o bem às pessoas.

4.2.1. Corrupção

Quando Kent se muda para Metrópolis, o então menino de Smallville é contratado pelo jornal Planeta Diário, que já foi um dos jornais mais influentes da cidade. Porém, após desafiarem Lex Luthor, e publicarem uma matéria que falava sobre suas relações corruptas com o governo, o jornal quase foi à falência e perdeu muita credibilidade. Lois Lane é a repórter que mais tem destaque no Planeta Diário e faz de tudo para enfrentar Luthor de frente, buscando desmarcará-lo e publicar matérias sobre como suas invenções e empreendimentos são danosos à sociedade e escondem um propósito de acumular poder. Lois afirma que o Planeta Diário tem como princípios a verdade, justiça e o *american way of life*, buscando argumentar com seu chefe para publicar sua história. Ela ainda comenta que os impostos pagos pelos cidadãos americanos estão sendo usados para financiar a corrupção de jovens garotas na cidade que estão aprendendo a usar maquiagem antes de aprenderem a ler, insinuando que são prostitutas contratados por políticos. A Figura 26 mostra o diálogo de Lois sobre a situação de corrupção na cidade.

Figura 26 – Lois comenta sobre Luthor e seu envolvimento em corrupção



Fonte: Super Homem – Origem Secreta (2009)

Os comentários de Lois apontam para uma corrupção sistêmica na cidade de Metropolis, bem como efeitos colaterais dessa prática que são danosos à sociedade. Não há episódios na história que possam identificar a conexão com as teorias aqui estudadas.

4.2.2. Natureza humana

Kent, em *Origem Secreta* (2009) quando descobre e aceita a natureza de seus poderes e sua verdadeira origem, se vê determinado a usá-los para produzir o bem, para proteger as pessoas. Ele enxerga o bem nas pessoas e, mesmo ainda sendo menino, é capaz de salvar de um simples animal até um colega de classe que o perturba. Seu desejo de ajudar as pessoas e fazer o bem se repete quando ele desiste de esconder sua identidade e dispara em voo para salvar Lois Lane, que cai de um prédio onde Luthor está apresentando sua nova invenção. Dessa maneira, por essa simpatia e aversão por ver seus colegas serem machucados por qualquer razão que seja, Kent mostra aspectos que convergem com as ideias de Rousseau sobre a natureza humana. A Figura 27 ilustra a empolgação de Kent ao finalmente ter a oportunidade de usar seus dons para salvar sua amiga.

Figura 27 – Clark Kent mostra-se determinado a ajudar as pessoas



Fonte: Super Homem – *Origem Secreta* (2009).

Na história estudada, porém, não são relatados episódios com características de um estado de natureza.

4.2.3. Representação político-social

No campo da atuação dos representantes, não há relatos no enredo que apontem para quais são suas preferências, plataformas eleitorais ou pretensões. Já na seara da representação

social, Clark Kent é um menino do interior, humilde, vindo de uma família que morava na fazenda. Não há, por fim, indícios de discriminação com algum segmento social.

4.2.4. Percepção sobre o Estado

As características apresentadas pela organização social são de um pacto social de Locke, com forte proteção à propriedade privada e não disposição ao conflito. Esta característica é reiterada pela Figura 26, na qual Lois faz referência ao *american way of life* e remetendo-se ao país que é a terra da oportunidade e liberdade. Luthor possui complexo e reforçado esquema de segurança para proteger sua propriedade, principalmente para evitar a entrada indesejada de agentes da mídia, como é o caso de Lois Lane. O comportamento de alguns dos jornalistas no Planeta Diário também revela uma aversão à ajuda, buscando apenas o próprio trabalho e realização pessoal.

Já no que tange à manutenção do Estado capitalista, há elementos que apontam que o Estado utiliza pelo menos a mídia para se sustentar e promover seus ideais, conforme aponta o episódio já relatado na seção sobre corrupção acima e a Figura 26.

Nesta história inicial estudada para esta pesquisa, Clark Kent ainda não assumiu sua identidade como o Super-Homem, portanto, não há possibilidade de representar algum tipo de símbolo para a sociedade. Nas histórias subsequentes, ao assumir sua identidade como herói de Metrópolis, o Clark vira símbolo de justiça e proteção dos inocentes. Mais tarde, descobre que o “S” em seu uniforme represente a casa de El, em seu planeta de origem, significando esperança. Este símbolo apenas não foi passado para a sociedade na história analisada.

4.3. O Flash

Em *Flash – Move Forward* (2011), o cientista policial Barry Allen é atingido por um raio em seu laboratório e permanece em coma por seis meses. Reanimado, descobre que ganhou super-velocidade e tornou-se o homem mais rápido do mundo, usando seu dom para combater o crime em Central City como o Flash. Allen namora Patty, que é sua parceira na polícia. Não ciente de sua identidade secreta, sua namorada desaprova as ações do Flash, acreditando que suas atividades devem ser restritas e o herói foi irresponsável ao criar um pulso eletromagnético que deixou a cidade inteira em um apagão por vários dias, retornando à “idade da pedra”.

4.3.1. Corrupção

Não há elementos na história de Flash estudada que sejam suficientes para discorrer sobre a corrupção.

4.3.2. Natureza Humana

Flash adota os ideais de natureza humana preconizados por Rousseau. Há de se notar que o herói não mata e, apesar de isso não ser claramente uma escolha, não ocorre nenhuma morte em suas atuações como herói em *Move Forward* (2011). Somado a isso, o herói usa suas habilidades para salvar pessoas inocentes de crimes comuns ou de super-vilões que também possuem poderes, como é o caso do Capitão Frio, que tenta matar o herói por ele ter causado um pulso eletromagnético que derrubou a energia de Central City, colocando sua irmã que estava internada com um tumor no cérebro em risco. Enfrentando o Capitão Frio e salvando sua namorada, Patty, em um navio onde estavam, Allen abusa de sua supervelocidade e causa a abertura de um vórtex que rasgou o tecido da realidade, sugando sua ex-namorada e amiga Iris West e outras três pessoas inocentes.

Frustrado e irritado, ele derrota o Capitão Frio, que questiona se Barry já perdeu alguém querido, revelando porque estava tentando matá-lo. Nesse momento, Flash reconhece como legítima a raiva que o Capitão Frio, Leonard Snard, desenvolveu pelo herói e promete ajudar sua irmã como possível, mas afirma que é necessário ter um limite em suas atuações, pois seu ataque ao herói feriu inocentes e levou quatro pessoas, incluindo Iris West, a serem sugadas para outra dimensão.

Não há cenários na edição estudada que caracterizem um estado de natureza.

4.3.3. Representação Político-Social

No enredo de Flash – *Move Forward* (2011), não são ilustrados elementos que narrem o governo e seus representantes, sendo assim impossível tirar conclusões sobre estes políticos, seu mandato e reeleições. Já no campo de representação social, o Flash é um cientista da polícia, branco, loiro e heterossexual. Não há indícios de classes que são discriminadas na história.

4.3.4. Percepção sobre o Estado

No que tange ao Estado como um todo, não há indícios que reportem suas características, porém, a polícia é constantemente representada na história. Na sociedade e na polícia, percebe-se que as pessoas convivem pacificamente e que a polícia está preocupada com a segurança dos civis, como é de se esperar. O que é importante notar é que os crimes que ocorrem em Central City geralmente envolvem super-vilões, assim necessitando do auxílio do Flash em muitos casos. O chefe do departamento de Allen e Patty acreditam que as ações do herói são importantes, mas há colegas que discordam do chefe, inclusive culpando-o ferrenhamente pela falta de energia que causou e as várias pessoas que colocou em perigo com isso. Apesar dessas discordâncias, percebe-se que a sociedade vive pacificamente, havendo aversão ao crime e violência, revelando nuances do pacto social lockeano.

No enredo, não são revelados aspectos que tenham relação com a manutenção do Estado capitalista.

Enquanto símbolo, o Flash inspira esperança e segurança. O herói salva um avião no início de *Move Forward* (2011) e diversos civis inocentes que foram colocados em perigo devido a ações de criminosos e vilões.

4.4. V de Vingança

A história “V de Vingança”, escrita por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd (2005), originalmente publicada entre os anos de 1982 e 1983, tem como palco Londres, Inglaterra, nos anos de 1997 e 1998. A personagem principal, autodenominado “V”, é fruto de experimentos feitos pelo governo britânico e vive em refúgio, planejando sua vingança. O governo inglês, altamente autoritário, com leis extremamente severas, cerceiam liberdades e direitos fundamentais. Tal autoritarismo é fruto de uma guerra civil (fictícia) na Inglaterra, na qual vários grupos e gangues violentamente buscavam tomar o poder, produzindo caos e desordem. Depois de terminada a guerra civil em 1992, os dirigentes vitoriosos viram a necessidade de implantar severas leis e sistemas de segurança e propaganda, entre outros métodos para que os líderes vencedores da guerra e seu Estado instalado pudesse se perpetuar, bem como seus ideais, sempre se valendo de um discurso de justiça e de que “A Inglaterra

Prevalece”. Os líderes do governo usam todos os meios que possuem para justificar as medidas de coerção e fazer a população inglesa enxergá-las como necessárias.

Nesse cenário de censura, pobreza, desigualdade e autoritarismo, V põe em ação seu plano de vingança pelos experimentos que o Estado fez com ele, iniciando com a explosão do parlamento inglês no dia 5 de novembro de 1997. Neste mesmo dia, antes da explosão, V resgatou Eve Hammond, uma garota pobre de dezesseis anos que perdeu sua mãe quando mais nova, testemunhou seu pai ser preso por ter ligações comunistas em anos anteriores e, desde então, trabalha em uma fábrica para garantir sua sobrevivência. Naquela noite, Eve decide, pela primeira vez, tentar ganhar dinheiro se prostituindo. O primeiro cliente que ela aborda é um policial da “mão” do Estado (parte do governo responsável pela segurança pública e aplicação da lei), que chama seus colegas para estuprá-la e depois mata-la, afirmando que esta é uma prerrogativa dos policiais que pegam mulheres em flagrante cometendo crime de prostituição. Por sorte, V interrompe o estupro antes que seja cometido, assassina os policiais e resgata Eve, que acompanha o desenrolar dos planos do misterioso e filosófico vigilante. O Estado deste universo é dividido em várias partes, sendo elas: o líder (chamado de Destino), a mão (segurança pública, detetives), os dedos (soldados de menor escalão), os olhos (vigilância), orelhas (coleta de informações), nariz (investigação) e boca (propaganda).

4.4.1. Corrupção

Em termos de corrupção do aparelho estatal e confusão das esferas pública e privada, há poucos elementos na história. Após V ter explodido outros prédios em 1998, comprometendo todo o tipo de controle que o Estado e o Líder têm sobre a sociedade, percebe-se um alinhamento de interesses entre o setor público e o privado, quando o Sr. Creedy contrata Ally, um gangster irlandês para montar um exército privado e auxiliar o Estado a controlar os tumultos/revolução que foram incitados pelas explosões de V em 1998. Enquanto isso, Helen Heyer, esposa de Conrad Heyer, contrata Ally para trabalhar como agente duplo, a fim de conquistar seus interesses. Esse breve alinhamento entre Estado e setor privado ocorreu com consenso do líder, porém, não era permitido previamente, ocorreu diante da conjuntura que enfrentavam e, nesse conflito de interesses, pessoas morreram.

Figura 28 – Creedy contrata Ally para auxiliar o Estado



Fonte: V de Vingança (1988).

Dessa maneira, é seguro dizer que há elementos que indicam a corrupção existente neste universo parte da esfera estatal, sendo algo facilmente exequível a partir do momento que o interesse das partes se alinham. No breve caso de coincidência de interesses estatais e privados, pode-se pensar na teoria da graxa, na qual uma dose “homeopática” de corrupção moveu as engrenagens do sistema, porém, não produziu bens para a sociedade, pelo contrário, trouxe danos a ela. Por fim, é também visível que o breve episódio causou danos à sociedade e aos envolvidos, portanto, a corrupção produziu efeitos negativos neste universo.

4.4.2. Natureza humana

Ao contrário da corrupção, há na HQ muitos elementos que traduzem diversas visões da natureza humana. Inclusive, diversos atores têm percepções diferentes sobre a natureza humana, que também refletem em suas ações no decorrer da história. V, inicialmente, mostra uma inclinação a ver o lado bom dos seres humanos. Em um dos contatos iniciais com Eve, V

consola a garota, chocada com a quantidade de cultura, conhecimento, e coisas que ela não conhecia, diminuindo-se, afirmando que todo indivíduo é especial e possui sua própria história, suas próprias escolhas. Porém, V mata agentes do Estado indiscriminadamente durante a história, com o intuito de sobrevivência da sua ideia de anarquia, enquanto aqueles agentes defendem o *status quo*. Dessa maneira, é possível afirmar que V possui perspectiva sobre a natureza humana semelhante àquela de Locke, pois entra em conflito de interesse com os agentes do Estado a partir do momento que busca agir para libertar a população inglesa daquele Estado opressor. Os ideais anarquistas de V e os preceitos de Locke quanto à atuação do Estado convergem no que tange à limitação de suas competências em termos de liberdades individuais e direito a propriedade. V, todavia, apresenta ideias que vão além das teorias de Locke, acreditando na possibilidade de autogoverno, ou seja, a ausência de um Estado, e que é possível haver ordem neste cenário.

Logo em seguida, V captura a voz do destino, Lewis Prothero, e recapitula todo o seu papel na tortura e experimentos em V. Para aumentar seu sofrimento, V toma a coleção de bonecas de Prothero e as queima. Antes de queimá-las, Lewis implora à V para não fazer nada com elas, e V destaca que Lewis tem um carinho tão grande pelas bonecas, porém, um desprezo maior ainda por carne e osso, fazendo referência aos humanos que Lewis matou e queimou quando entrou para o governo. Lewis Prothero então afirma que ele não tinha escolha, pois se não obedecesse às ordens de seus superiores, ele estaria no mesmo lugar dos condenados que ele executava, mostrando claramente uma prevalência da própria sobrevivência no lugar da de outrem. Pela fala de Lewis, dá-se a entender que sua crença é em uma natureza humana hobbesiana, pois apenas obedecia às ordens para matar com o objetivo de preservar sua própria vida, tal como o conceito de *jus naturale*, ou seja, usar de todos os meios possíveis para a autopreservação.

Eve também demonstra sua crença na natureza humana ao auxiliar V como cúmplice de um assassinato, porém, não sabia as reais intenções assassinas de V. Após o ocorrido, Eve conversa com V para esclarecer que gostaria de ajudá-lo, porém, afirma que matar é errado e que ela jamais matará ou o ajudará a matar alguém novamente, explicitando uma crença rousseauiana sobre a natureza humana. Eve reitera essa posição quando toma o manto e a máscara de V após sua morte, entendendo que V era a face da destruição da anarquia e ela será a face da construção da anarquia, portanto, não matará.

No que tange ao estado de natureza ou guerra, é possível identificar dois momentos diferentes. Primeiro, na guerra civil, observa-se um estado de natureza hobbesiano, onde

todos estão ameaçados a todo o momento, uma vez que era uma guerra pelo poder. Não à toa, o período sangrento resultou em um governo autoritário sob a bandeira de evitar novos conflitos tão violentos. Em seguida, após V derrubar os sistemas de vigilância e controle do Estado, dá-se origem a um período de livre ação da sociedade, sem grande influência por parte do poder estatal, conforme reitera a Figura 29.

Figura 29 – V explica a Eve que a situação de conflito é passagem para a anarquia



Fonte: V de Vingança(1988).

Inicialmente com medo de consequências, a sociedade pouco se movimentou, mas, aos poucos, criou-se uma onda revolucionária, cessando o domínio do Estado sobre a população. Todavia, não era um estado de natureza violento como o da guerra civil. A população estava experimentando a liberdade que nunca teve. Não se mostrou nenhum conflito de interesse, pelo contrário, com tamanho caos, as pessoas se ajudavam a sobreviver.

4.4.3. Representação político-social

No universo de V de Vingança, o Estado autoritário conquistou o poder após violenta guerra civil, não havendo eleições, portanto, não há elementos na história que indiquem quaisquer conclusões sobre o mandato do representante, bem como sua plataforma eleitoral. O que se pode deduzir é que o representante age conforme os seus interesses, sendo estes a manutenção do Estado e sua manutenção do poder, porém, sua legitimidade para agir não

decorre da eleição, não é um regime democrático. Inclusive, não há a intenção que seja um estado democrático: os líderes atuam para a manutenção de seu *status quo*, enquanto V e Eve introduzem a ideia de liberdade por meio da anarquia.

Figura 30 – V fala sobre a representação política



Fonte: V de Vingança (1988).

V não revela sua identidade ao longo da história por um motivo: seu manto e sua máscara não servem para esconder uma identidade, mas sim para representar uma ideia. No momento de sua morte, V diz para o seu assassino que ele não pode matá-lo, pois debaixo do manto não há uma pessoa, há uma ideia. V, porém, conta sua história, como cresceu, o que passou nas mãos do estado tirânico, como foi criado, havendo elementos que apontam sua identidade enquanto cidadão como um dos oprimidos. Apesar de o Estado discriminar certas etnias e orientações sexuais, V, na história, enxerga os cidadãos como um povo oprimido pelo autoritarismo do Estado. Para V, a população deve ser soberana sobre si mesma, independente de sua classe social, raça, gênero, orientação sexual, portanto, V representa o povo oprimido pelo estado. Esta crença no ser humano ser igual independentemente de raça, orientação sexual, gênero e classe é reiterada na fala de V enquanto tortura Lewis Prothero, ao afirmar que o locutor do Estado mostrava tanta compaixão por porcelana (fazendo referência às suas bonecas de coleção), mas não mostrava nenhum sentimento por carne e osso (referindo-se aos humanos que matava).

Por outro lado, na população, há classes e etnias explicitamente discriminadas. Nos relatos de Eve sobre a guerra civil e de V sobre seus anos no campo de concentração, similar

aos campos nazistas para exterminar judeus, claramente homossexuais e negros eram discriminados e assassinados pelo simples fator de sua orientação sexual e ou a cor de sua pele. Uma vez terminada a guerra civil, a chacina cessou, porém, estas classes ainda sofrem preconceitos e discriminação na sociedade.

4.4.4. Percepção sobre o Estado

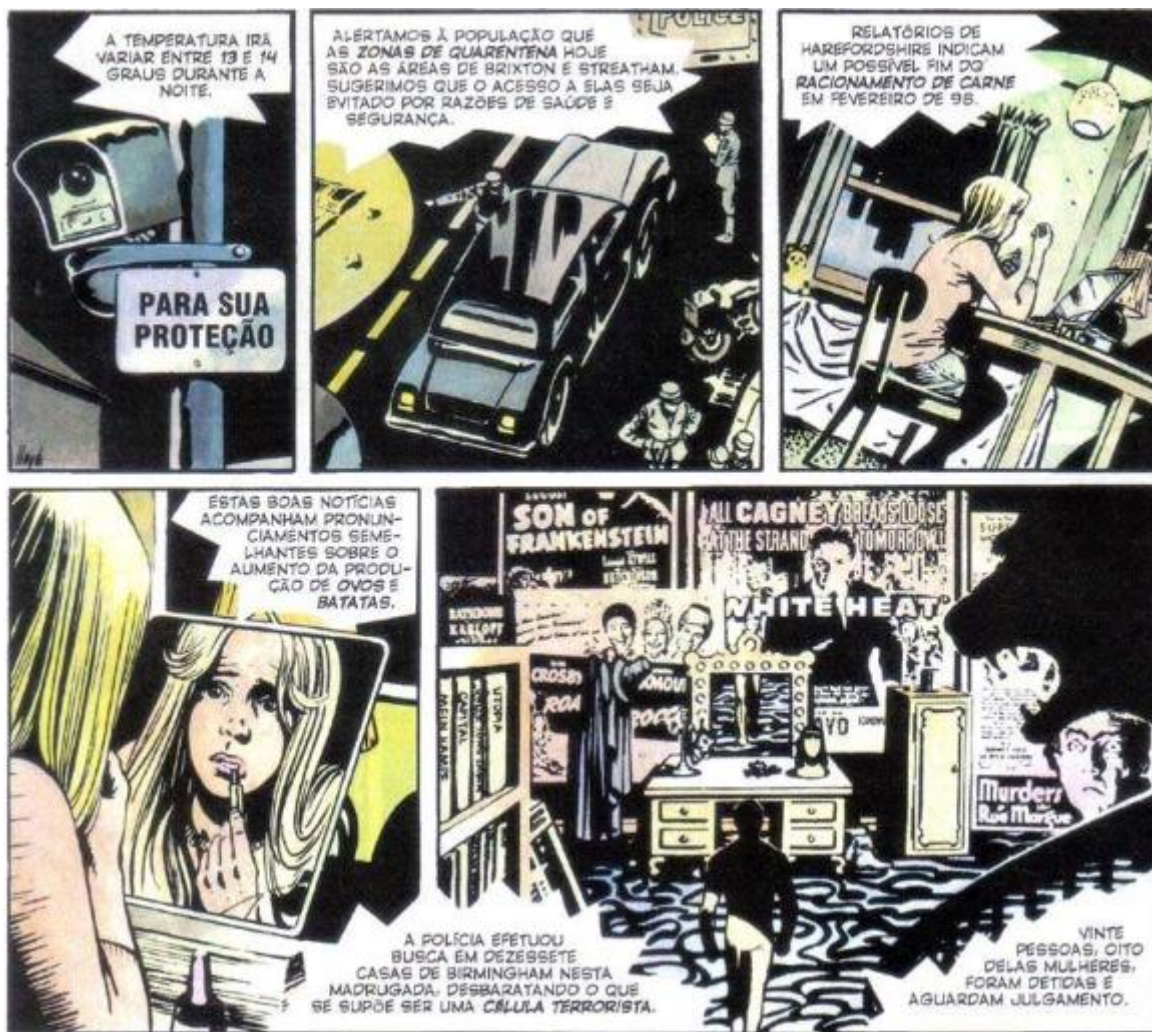
Esta é, certamente, a unidade mais rica em elementos que apontam para alguma conclusão sobre o Estado descrito na história V de Vingança. O Estado organizado no universo aqui estudado tem suas origens em uma guerra civil na Inglaterra. O grupo vencedor do conflito tomou para o si o poder e se vale de todos os meios institucionais de dominação para manter o *status quo*. A estrutura do Estado apresenta-se como uma interessante analogia com o corpo humano – cada setor representa uma parte do corpo e tem uma função. O “nariz” é responsável pelas investigações, os “dedos” ou a “mão” é responsável pela atuação policial, segurança pública e repressão de crimes, a “boca” é responsável pela transmissão radio-televisiva e propaganda do Estado, os “ouvidos” são responsáveis pela coleta de informação, tendo este último conexão com o “nariz” (assim como no corpo humano), bem como com os “olhos”, responsáveis pela espionagem/vigilância dos civis com o intuito de manter a ordem. Todos estes órgãos são coordenador pelo líder, “destino”, que é apaixonado pela sua deusa, a “justiça”.

Todo esse aparelho estatal cumpre função extremamente autoritária, cerceando liberdades individuais básicas, principalmente no que tange à liberdade de expressão e qualidade de vida. Há profunda desigualdade social entre os grupos mais marginalizados, o setor privado e os funcionários do estado. Com base nessa função repressiva do Estado e com a justificativa de manter a ordem, o Estado evidenciado em V de Vingança aponta vários elementos que compactuam com o pacto social característico de Thomas Hobbes, marcado pelo autoritarismo. É contra isso que V vai lutar, defendendo o não-Estado.

Também há evidências que apontam que o Estado desse universo se vale de dominação hegemônica e dos mecanismos de seletividade para a manutenção de sua estrutura e poder. Basta verificar as condições na qual Eve, uma jovem de dezesseis anos, foi colocada, sendo forçada a trabalhar para sua sobrevivência, tendo seu pai preso por motivos ideológicos e sem educação e recursos para se sustentar de maneira digna. Ademais, o Estado tem uma grande estrutura midiática e propagandística para justificar todas as medidas autoritárias, o

baixo grau de liberdade, sempre usando o discurso de que são medidas necessárias para a proteção e bem estar da sociedade civil. A Figura 31 ilustra as prerrogativas estatais para se manter.

Figura 31 – O Estado e seus aparatos para controle



Fonte: V de Vingança (1988).

Além desses elementos, há a questão do simbolismo que o herói ou vigilante representa. Um dos trechos mais célebres da história é o monólogo que V tem com a “Sra. Justiça”, estátua que representa a deusa Justiça com quem o líder flerta. V recorda-se de sua infância, quando via e admirava a estátua e o que ela significava. Mas ele se sentiu traído quando o Estado se apoderou de seu significado para justificar o autoritarismo exercido, então ele a trocou por outra amante, a anarquia. V deixa bem claro que a anarquia significa “sem governo”, porém, não significa “sem ordem”. V também defende a soberania popular e as liberdades individuais de escolha. Inclusive, retomando um trecho já citado aqui, quando V

finalmente consegue incitar a revolta popular, a personagem afirma que não está preocupado se irá, ou não, conseguir destituir os dirigentes autoritários, pois seu objetivo era apenas criar este “estado de natureza” de rebelião, onde o povo detinha o poder. Nesse cenário, o povo resistiria ao governo caso realmente optasse pela liberdade individual, ou se renderia ao Estado caso optasse pelo *status quo* antes mantido. Qualquer que fosse o resultado, agora a escolha foi tomada por eles, e não imposta pelos vencedores da guerra civil. Deve ser dito que a história termina sem explicitar a escolha do povo. Além disso, os próprios agentes do governo reconhecem a genialidade de V, ao entender que o povo precisava de um símbolo, e ele foi o símbolo que inspirou tal revolução, apenas providenciando as circunstâncias necessárias para tanto. Uma vez debilitado o Estado, cabia apenas ao povo tomar sua decisão. V simplesmente assumia a autoria dos atos terroristas, conforme qualificava o Estado, justificando o porquê e retomando princípios de liberdade e livre-arbítrio.

Dessa maneira, o herói representa símbolos tanto para o Estado quanto para a sociedade. Para o primeiro, o herói é um agente do caos, da desordem, um terrorista, vigilante e criminoso. Para a população, que demora a formar uma opinião sobre o vigilante, ele se torna símbolo de esperança, liberdade e soberania popular. É necessário reiterar que V se aproxima de preceitos tanto lockeanos quanto rousseauianos no que tange ao pacto social. No que tange às liberdades individuais e limitação do escopo do Estado, V se aproxima de Locke e, no que diz respeito à soberania popular e forma de autogoverno, V compactua com ideais de Rousseau.

A seguir, de maneira a concluir o presente trabalho, o próximo capítulo compilará de maneira pragmática a análise feita nos dois últimos capítulos.

5. CONCLUSÕES

Com a análise aqui feita, é pertinente retomar aqui a ideia das HQs como veículo de informação. Intencionalmente ou não, as HQs transmitem certos ideais, logicamente não limitados aos aspectos aqui propostos e estudados, havendo grande profundidade psicológica nas personagens, suas personalidades e suas ações. Nesse sentido, as próximas seções compilam e apresentam de forma sucinta a análise aqui realizada, mostrando quais elementos de cada variável política estão presentes nos heróis analisados. Retoma-se a ideia de Offe (1984) sobre os mecanismos de seletividade, por meio dos quais o Estado capitalista usa vários desses mecanismos para se manter. Dessa maneira, faz-se necessário perceber a questão do uso das HQs como veículo de propagação de certos tipos de ideias para os leitores do gênero.

5.1. Corrupção

A corrupção é um aspecto interessante de se analisar, pois é relativamente recente no cenário político e internacional, mesmo que práticas de suborno tenham suas raízes nos mais antigos governos.

É interessante notar como algumas HQs já abordavam a corrupção, ainda que em nível nacional, antes da criação desse recente movimento internacional contra a corrupção. O Quadro 3 sintetiza a análise feita quanto à corrupção.

Quadro 3 – Categorização dos heróis estudados quanto à corrupção

<i>Marvel Comics</i>			
Herói	Classificação quanto à teoria da corrupção	Classificação quanto à visão sobre a corrupção	Efeitos da corrupção sobre a sociedade
Homem de Ferro	Não se aplica	Não se aplica	Produz efeitos negativos sobre a sociedade
Capitão América	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Jessica Jones	Preconizada quanto à teoria da bola de neve	Corrupção sistêmica	Produz efeitos negativos sobre a sociedade
Demolidor	Preconizada quanto à teoria da bola de neve	Corrupção sistêmica	Produz efeitos negativos sobre a

			sociedade
<i>DC Comics</i>			
Herói	Classificação quanto à teoria da corrupção	Classificação quanto à visão sobre a corrupção	Efeitos da corrupção sobre a sociedade
Batman	Preconizada conforme a teoria da bola de neve	Corrupção sistêmica	Produz efeitos negativos sobre a sociedade
Superman	Não se aplica	Corrupção sistêmica	Produz efeitos negativos sobre a sociedade
Flash	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
V de Vingança	Preconizada conforme a teoria da graxa	Corrupção sistêmica	Produz efeitos negativos sobre a sociedade

5.2. Natureza humana

A natureza humana é um aspecto relevante a ser analisado nos quadrinhos, pois eles retratam diversas sociedades na visão do autor e, dependendo do tipo de natureza do ser humano que o autor ilustra, dá-se origem a concepções diferentes de Estado. Por meio de vários elementos da história, os autores buscam ilustrar, de alguma maneira, suas crenças sobre a origem e o comportamento dos seres humanos quando organizados em sociedade. Por mais que na maior parte das vezes não exista um estado de natureza ou de guerra para ser observado de forma crua, os autores muitas vezes traduzem essas características de outra forma, como, por exemplo, a perspectiva que certas personagens têm sobre a sociedade. O Quadro 4 compila a categorização da amostra quanto aos aspectos de natureza humana e estado de natureza.

Quadro 4 – Categorização dos heróis estudados quanto à natureza humana e estado de natureza

<i>Marvel Comics</i>		
Herói	Natureza Humana	Estado de Natureza
Homem de Ferro	Natureza humana de Locke	Estado de natureza de Hobbes
Capitão América	Naturza humana de Locke	Estado de natureza de Locke
Jessica Jones	Natureza humana de Rousseau	Estado de natureza de Hobbes
Demolidor	Natureza humana de Hobbes	Estado de natureza de Hobbes e Locke

<i>DC Comics</i>		
Herói	Natureza Humana	Estado de Natureza
Batman	Natureza humana de Rousseau e Hobbes	Estado de natureza de Hobbes
Superman	Natureza humana de Rousseau	Não se aplica
Flash	Natureza humana de Rousseau	Não se aplica
V de Vingança	Natureza humana de Hobbes	Estado de natureza de Hobbes

5.3. Representação político-social

A representação política e social é um elemento de muita importância para a Ciência Política a ser estudado, não somente por causa das várias polêmicas que o assunto carrega consigo, mas pelo momento em que o estudo é feito, havendo uma onda de conscientização e igualização de direitos de grupos socialmente e politicamente discriminados, como homossexuais, negros e pobres. Além disso, no Brasil, evidencia-se uma crise de representação política por meio das eleições, assim como em outros países da região. Episódios como estes são bem retratados em V de Vingança (1982), por exemplo. Além disso, no início do século XXI, muitos movimentos sociais têm advogado pelas causas desses grupos sociais que gozam de menos direitos, sofrem discriminações, ou ambos. Inclusive, como se pode perceber, apenas uma personagem protagonista na amostra é do gênero feminino.

As HQs têm tentado, cada vez mais, incluir estas classes, gêneros ou opções sexuais com papel de protagonismo em suas revistas. Nesse sentido, destaca-se a criação da Miss Marvel em 2014 e, muito à frente de seu tempo, a DC criou John Stewart em 1971, um dos membros da tropa dos Lanternas Verdes que é negro. Esses são apenas alguns dos exemplos que aqui buscam ilustrar esse movimento inclusivo de grupos sociais marginalizados. Destaca-se a importância dessa variável política na análise dessa forma de comunicação que são os HQs, uma vez que os quadrinhos podem servir de influência para muitos leitores e funcionar como ferramenta com vistas à inclusão desses grupos.

O Quadro 5 resume os achados do estudo nessa perspectiva.

Quadro 5 – Categorização dos heróis estudados quanto à representação político-social

<i>Marvel Comics</i>			
Herói	Grau de liberdade da atuação dos representantes	Atuação do representante em seu mandato	Fatores que influenciam os representantes em

			seu mandato
Homem de Ferro	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Capitão América	Não se aplica	Representante busca o melhor resultado para os representados independente da plataforma eleitoral	Não se aplica
Jessica Jones	O representante tem a liberdade para agir conforme suas prerrogativas	O representante busca interesses privados, não se preocupando com a vontade popular	Há fatores que influenciam a tomada de decisão no mandato do representante
Demolidor	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Herói	Intenção dos representantes quanto à reeleição	Identidade secreta do herói	Sociedade e seus membros
Homem de Ferro	Não se aplica	Representa um segmento social que sofre preconceito ou discriminação	Não se aplica
Capitão América	Não se aplica	Não representa algum segmento social que sofre preconceito ou discriminação	Há segmentos sociais que sofrem preconceito ou discriminação
Jessica Jones	Representante busca eleição independente de ter produzido resultados positivos ou não	Representa um segmento social que sofre preconceito, discriminação ou goza de menos direitos	Há minorias que gozam de menos direitos e sofrem preconceitos, enquanto há uma parcela social que compõe a elite governamental e/ou o setor privado
Demolidor	Não se aplica	Representa um segmental social que sofre preconceito, discriminação ou goza de menos direitos	Há minorias que gozam de menos direitos e sofrem preconceitos, enquanto há uma parcela social que compõe a elite governamental e/ou o setor privado
<i>DC Comics</i>			
Herói	Grau de liberdade da	Atuação do	Fatores que

	atuação dos representantes	representante em seu mandato	influenciam os representantes em seu mandato
Batman	O representante tem a liberdade para agir conforme suas prerrogativas	O representante busca interesses privados, não se preocupando com a vontade popular	Há fatores que influenciam a tomada de decisão no mandato do representante. Neste caso, ressalta-se que, em A Queda do Morcego, um dos representantes busca manter suas promessas eleitorais.
Superman	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Flash	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
V de Vingança	O representante tem liberdade para agir conforme suas prerrogativas	O representante busca interesses privados, não se preocupando com a vontade popular	Há fatores que influenciam a tomada de decisão no mandato do representante.
Herói	Intenção dos representantes quanto à reeleição	Identidade secreta do herói	Sociedade e seus membros
Batman	Representante busca eleição independente de ter produzido resultados positivos ou não	Representa algum segmento social que sofre preconceito ou discriminação.	Há minorias que gozam de menos direitos e sofrem preconceitos, enquanto há uma parcela social que compõe a elite governamental e/ou o setor privado
Superman	Não se aplica	Representa algum segmento social que sofre preconceito ou discriminação.	Não se aplica
Flash	Não se aplica	Não representa algum segmento social que sofre preconceito ou discriminação	Não se aplica
V de Vingança	Não se aplica	Não se aplica	Há minorias que gozam de menos direitos e sofrem preconceitos, enquanto há uma

			parcela social que compõe a elite governamental e/ou o setor privado
--	--	--	--

5.4. Percepção sobre o Estado

Por último, mas não menos importante, a percepção sobre o Estado nos quadrinhos aqui estudados é importante para entender quais são os modelos, competências e atuações que este ente deveria possuir. O enredo da história, a atuação do herói, e o papel desempenhado pelo Estado, seus agentes, e ainda pelo setor privado, quando existente, podem gerar uma reflexão do leitor e levá-lo a formar opinião sobre o papel do Estado com base nos elementos expostos em uma HQ. Esse fator é muito relevante para análise, uma vez que, como anteriormente referido, os quadrinhos são um meio eficiente de transmitir informações, principalmente na missão de disseminar ideais políticos. O Capitão América, por exemplo, que exalta os Estados Unidos e trata os nazistas como inimigos desumanos, foi lançado em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial. Não é o propósito da presente pesquisa avaliar em que medida os quadrinhos de fato influenciam ou quão eficientemente transmitem ideais políticos, mas é importante destacar como certos heróis ou histórias aqui estudadas foram publicados em determinadas épocas, como é o caso também do Homem de Ferro, publicado em 1963, em plena Guerra Fria e Guerra do Vietnã, ou em V de Vingança, no atual cenário de crise na representação política na região de América do Sul, bem como na onda de luta por direitos de grupos marginalizados.

Outro fator descoberto com a presente pesquisa é que o Estado nem sempre é ilustrado de maneira completa ou geral, dando foco a agentes específicos, como a polícia, detetives e organizações secretas, entre outros. A estrutura estatal mais completa apresentada na amostra estudada, certamente, foi a de V de Vingança, detalhando as diversas partes do corpo estatal e sua função para que este corpo sobreviva. Ainda assim, a polícia e outros órgãos do Estado presentes nas HQs analisadas são muito importantes, pois são membros de uma vertente executiva do Estado, ou seja, aqueles que aplicam a lei. Por meio dessa atuação, em alguns casos, abusando do poder, em outros, meramente aplicando a lei, pode-se fazer uma leitura de quais meios são usados pelo Estado para se manter.

Por fim, vale destacar que os heróis representam símbolos fortes para a sociedade apresentada nas histórias e, dessa maneira, podem traduzir os significados desses símbolos para o leitor. Talvez seja um aspecto psicológico interessante a ser estudado por especialistas da área, ou seja, como essa associação entre o símbolo do herói e a história pode causar reflexão ou formação de opinião do leitor sobre determinados fatores políticos, sociais, legais ou filosóficos. O Quadro 6 expõe os achados referentes à percepção sobre o Estado representados nas HQs.

Quadro 6 – Categorização dos heróis estudados quanto à percepção sobre o Estado

<i>Marvel Comics</i>			
Herói	Características do pacto social do Estado	Manutenção do Estado capitalista	Simbologia do herói
Homem de Ferro	Pacto social de Locke	Não se aplica	O herói representa certos significados para o Estado e para a sociedade, sendo a visão sobre o herói heterogênea em ambos os setores
Capitão América	Pacto social de Locke	O Estado se vale se mecanismos de seletividade e da dominação hegemônica para proteger o <i>status quo</i> , e promover ou proteger seus interesses	O herói representa certos significados para a sociedade e para o Estado
Jessica Jones	Pacto social de Hobbes	O Estado se vale se mecanismos de seletividade e da dominação hegemônica para proteger o <i>status quo</i> , e promover ou proteger seus interesses	O herói representa certos significados para a sociedade, mas não para o Estado
Demolidor	Pacto social de Hobbes	O Estado faz uso de mecanismos de seletividade para proteger ou	A protagonista não possui símbolo, tampouco

		promover seus interesses	representa algo para a sociedade
<i>DC Comics</i>			
Herói	Características do pacto social do Estado	Manutenção do Estado capitalista	Simbologia do herói
Batman	Pacto social de Hobbes	O Estado faz uso de mecanismos de seletividade para proteger ou promover seus interesses	O herói representa certos significados para o Estado e para a sociedade, sendo a visão sobre o herói heterogênea em ambos os setores e ao longo do tempo
Superman	Pacto social de Locke	O Estado faz uso de mecanismos de seletividade para proteger ou promover seus interesses	A protagonista não possui símbolo, tampouco representa algo para a sociedade
Flash	Pacto social de Locke	Não se aplica	O herói representa certos significados para o Estado e para a sociedade
V de Vingança	Pacto social de Hobbes. Destaca-se que a personagem protagonista demonstra fortes ideais e age para que o pacto social vigente se torne o de Rousseau	O Estado se vale se mecanismos de seletividade e da dominação hegemônica para proteger o <i>status quo</i> , e promover ou proteger seus interesses	O herói representa certos significados para o Estado e para a sociedade, sendo a visão sobre o herói heterogênea em ambos os setores e ao longo do tempo

5.5. Considerações finais

Com base na análise aqui apresentada, cabe concluir que há importantes elementos políticos nas histórias em quadrinhos aqui investigadas. Retoma-se a ideia central da pesquisa que era analisar estes aspectos políticos no gênero literário. Pode-se, afinal, comprovar que há

ricos elementos que são alvos de estudo da Ciência Política e, inclusive, que o gênero literário se adiantou em abordar questões como corrupção, por exemplo. As HQs podem ser consideradas como um método de propagação de ideias, inclusive muito sofisticado, usando de emoções e a psicologia do leitor.

Relembra-se o episódio em que o Subcomitê do Senado estadunidense criou o selo da Autoridade dos Quadrinhos. Ora, a imposição do Estado sobre as editoras que publicavam o gênero literário para criarem uma associação que se autorregulava e, em alguns casos, até censurava, mostra a atuação do Estado capitalista para proteger seus interesses e ideologias, o que remete a Offe (1984). Ainda há muito debate e preconceitos com as HQs, mas o que se pode afirmar (valendo-se de senso comum), é que o gênero vende inúmeras unidades, são extremamente bem recebidas, inclusive havendo conferências como a ComicCon que reúnem os fãs das HQs e que há elementos políticos neste tipo de revista, sendo considerada arte ou não.

Pesa também a necessidade de reiterar que as personagens criaram um símbolo para os leitores ou cinéfilos, como ilustra o episódio em que Miles Scott, um menino de cinco anos recuperou-se de leucemia e teve seu sonho de ser o Batman realizado. Com ajuda da Fundação *Make-A-Wish*, mais de dez mil pessoas saíram pelas ruas de São Francisco, na Califórnia para presenciar o menino salvando o dia. Com apoio da polícia, o menino foi chamado para salvar uma donzela em perigo, que estava amarrada em um bondinho na cidade, bem como prendeu os vilões Charada e Pinguim. Até o presidente Barack Obama gravou um curto vídeo na Casa Branca para congratular o menino pelas suas conquistas (BBC, 2013).

Episódio semelhante ocorreu recentemente, no dia 12 de fevereiro, no qual o garoto australiano Domenic Pace se tornou o Homem de Ferro por um dia para salvar a cidade de Sidney de seu arqui-inimigo, Ultron. O Menino de Ferro, como foi chamado, também teve seu sonho realizado pela Fundação *Make-A-Wish* e contou com o apoio da polícia, que o levou para passear de lancha e helicóptero. Domenic enfrenta fibrose cística, uma doença degenerativa que afeta principalmente os sistemas respiratório e digestivo. Não obstante, o menino também ganhou uma mensagem especial do ator Robert Downey Jr., que interpreta o Homem de Ferro nos vingadores (BBC, 2016).

Ainda é válido relatar que, em 2015, a Suprema Corte dos Estados Unidos citou a famosa frase do tio Ben, do Homem-Aranha, afirmando que grandes poderes trazem grandes responsabilidades. A citação ocorreu no julgamento de um caso de patente justamente contra a *Marvel Comics* em referência às luvas que o herói usa para lançar suas teias. A decisão,

favorável à *Marvel*, repercutiu na mídia com várias citações famosas do herói e até à música de abertura (BBC, 2015).

Até o Juiz Sérgio Moro, que ocupa o foco da mídia pela sua atuação na atual operação da Polícia Federal do Brasil, denominada Lava Jato, citou a famosa frase do tio Ben, acima comentada. O Juiz do Ministério Público fez a citação como crítica ao foro privilegiado vigente no Brasil, onde políticos de alta patente do executivo e congressistas só podem ser julgados pela Suprema Corte brasileira quando cometem determinados tipos de crime (BENITES, 2015).

Dado o exposto, é prudente ainda mencionar que o campo de estudo aqui explorado ainda possui muitas oportunidades de pesquisa, não só pela enorme gama de personagens que podem ser estudadas, mas até em formato e variáveis. Possível objeto de estudo da Comunicação Social e da Ciência Política, podem-se fazer comparação entre como a HQ e o filme ou série apresentam um dado evento político, tal como a Guerra Civil. Abrangendo ainda mais, a Psicologia possui métodos que podem estudar quais são os efeitos e emoções que as HQs despertam no leitor, bem como o quanto elas influenciam a formação de sua opinião. Em suma, o tema das Histórias em Quadrinhos ainda pode ser muito explorado não só pela Ciência Política, no que tange aos elementos sociais, políticos e jurídicos apresentados nas HQs, filmes e séries, como também pode ser muito bem estudado por outras áreas como a Comunicação, Pedagogia e Psicologia. Também é ressaltada a abertura do leque para a análise de formatos diferentes que estão em constante atualização, tais como filmes, livros e séries, que atingem um público tão grande quanto, senão maior que aquele dos fãs de HQs.

BIBLIOGRAFIA

BBC. Recuperado de leucemia, menino realizado sonho de ser Batman por um Dia. BBC Brasil, 16 nov 2013. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131116_menino_batman_desejo_leucemia_lgb > Acessado em 12 fev 2016.

BBC. Menino com doença degenerativa realiza sonho de virar Homem de Ferro por um dia. BBC Brasil, 12 fev 2016. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160212_menino_homem_de_ferro_fn > Acessado em 12 fev 2016.

BENITES, A. Sérgio Moro cita Homem-Aranha: “Mais poder, mais responsabilidade”. El País, 4 jul 2015. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/04/politica/1435961111_206305.html > Acessado em 12 fev 2016.

CALLARI, A; ZAGO, B; LOPES, D. *Quadrinhos no Cinema 2*. São Paulo: Editora Évora Ltda, 2012.

CALLARI, A; ZAGO, B; LOPES, D. *Quadrinhos no Cinema*. São Paulo: Editora Évora Ltda, 2011.

CARVALHO, V.; BORGES L.; RÊGO, D. Interacionismo simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, vol. 30, p. 146-161, 2010.

CONDON, S. *Supreme Court quotes Spider-Man comic in patente ruling*. CBS News, 22 jun 2015. Disponível em < <http://www.cbsnews.com/news/supreme-court-quotes-spider-man-comic-in-patent-ruling/> > Acessado em 12 fev 2016.

HUNTINGTON, S. *Democracy's Third Wave*. The Journal of Democracy, 1991.

LEFF, N. "Economic Development Through Bureaucratic Corruption," The American Behavior Scientist, 1964.

MANIN, B; PRZEWORSKI, A; STOKES, S. *Representação: palavras, instituições e idéias*. In: *Lua Nova* [online]. 2006, n.67, pp. 105-138.

MIGUEL, L. Impasses da *Accountability*. Revista de Sociologia e Política, no. 25, Curitiba, 2005. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782005000200004 > Acesso em: 29 out 2015.

OFFE, Claus. “*Problemas Estruturais do Estado Capitalista*”. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1984. Tradução: Barbara Freitag

PIETH, M. Cooperação internacional de combate à corrupção. In: *A Corrupção e a Economia Global*. Brasília: ELLIOTT, 2002. p. 183-200. Tradução por Marsel Nascimento Gonçalves de Souza.

PITKIN, H. *Representação: palavras, instituições e idéias*. In: *Lua Nova* [online]. 2006, n.67, pp. 15-47.

Pitkin, Hanna Fenichel. *The concept of representation*. Berkley: University of California Press, 1967.

SILVA, G. O Conceito de seletividade das instituições políticas e a função política da educação na manutenção do Estado capitalista. Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade do conhecimento. Disponível em < <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-conceito-de-seletividade-das-institui%C3%A7%C3%B5es-pol%C3%ADticas-e-fun%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-na-manu> >. Acesso em: 21 out 2015.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Muito Além dos Quadrinhos*. 1ª edição. São Paulo: Ed. Devir Livraria, 2013.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. *Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Editora Criativo, 2009.

WEFFORT, 1999. *Os Clássicos da Política*. 11ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

REFERÊNCIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS UTILIZADAS

KIRBY, J. *Captain America*. Marvel Comics, 1941.

MICHELINIE, D; LAYTON, B. *Iron Man*. Marvel Comics, vol. 120 – 128, 1979.

O'NEIL, D. *Iron Man*. Marvel Comics, vol. 163, 166 e 200, 1982.

LEE, S. *Tales of Suspense*. Marvel Comics, vol. 81, 1966.

ELLIS, W. *Iron Man: Extremis*. Marvel Comics, 2005.

MILLER, F.; MAZZUCHELLI, D. *Batman Year One*. DC Comics, 1987.

MILLER, F.; ROMITA, J. Demolidor: O Homem sem Medo. DC Comics, publicado por Panini Books, 2009. Originalmente publicado em 1993.

MOORE, A. *Batman: A Piada Mortal*. DC Comics, publicado por Panini Books, 1988.

MOORE, A. *V for Vendetta*. DC Comics, Vertigo Seal, 1982.

LOEB, J. *Batman: O Longo Dia das Bruxas*. DC Comics, publicado por Eaglemoss Collections, 1996.

JOHNS, G. *Superman – Origem Secreta*. DC Comics, 2009.

LEE, S. *Tales of Suspense #39*. Marvel Comics, 1963.

MANAPUL, F.; BUCCELLATO, B. *The Flash: Move Forward*. DC Comics, vol. 1 – 8, 2011.

BENDIS, B. *Alias*. n. 1-28. ed. DC Comics, 2001-2004.

BRUBAKER, E.; EPTING, S. Capitão América – O Soldado Invernal. Marvel Comics, publicado por Panini Books, 2005.

DIXON, C. *et al. Batman Knightfall*. DC Comics, vol.1, 1993.